

Leandro Ribeiro Palhares

FILOSOFIA, PSICANÁLISE *e outras psicoterapias*



Leandro Ribeiro Palhares

FILOSOFIA, PSICANÁLISE *e outras psicoterapias*



2025 by Atena Editora

Copyright © 2025 Atena Editora

Copyright do texto © 2025, o autor

Copyright da edição © 2025, Atena Editora

Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora tem um compromisso sério com a transparência e a qualidade em todo o processo de publicação. Trabalhamos para garantir que tudo seja feito de forma ética, evitando problemas como plágio, manipulação de informações ou qualquer interferência externa que possa comprometer o trabalho.

Se surgir qualquer suspeita de irregularidade, ela será analisada com atenção e tratada com responsabilidade.

O conteúdo do livro, textos, dados e informações, é de responsabilidade total do autor e não representa necessariamente a opinião da Atena Editora. A obra pode ser baixada, compartilhada, adaptada ou reutilizada livremente, desde que o autor e a editora sejam mencionados, conforme a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Cada trabalho recebeu a atenção de especialistas antes da publicação. A equipe editorial da Atena avaliou as produções nacionais, e revisores externos analisaram os materiais de autores internacionais.

Todos os textos foram aprovados com base em critérios de imparcialidade e responsabilidade.

Filosofia, Psicanálise e outras psicoterapias

| Autores:

Leandro Ribeiro Palhares

| Revisão:

Atena Editora

| Diagramação:

Thamires Gayde

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P161 Palhares, Leandro Ribeiro
Filosofia, psicanálise e outras psicoterapias / Leandro
Ribeiro Palhares. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2026.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-4043-7

DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.437261303>

1. Filosofia. 2. Psicanálise. I. Palhares, Leandro
Ribeiro. II. Título.

CDD 100

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

☎ +55 (42) 3323-5493

☎ +55 (42) 99955-2866

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O livro **Filosofia, Psicanálise e Outras Psicoterapias** tem por objetivo oferecer um panorama introdutório concernente aos fundamentos filosóficos da Psicanálise e, em sentido inverso e complementar, como a Filosofia pode contribuir em um processo terapêutico psicanalítico.

A presente obra busca apresentar possibilidades de conexão entre searas e temáticas – uma verdadeira encruzilhada psíquica e epistêmica. A intenção não foi fixar fronteira e nem limitar procedimentos e técnicas próprias de uma ou outra abordagem; muito pelo contrário, a intenção foi identificar pontos de contato que desvelam um todo (em detrimento a partes já consolidadas): mais complexo, não linear e, portanto, uno – como é a alma humana (sujeito da compreensão das psicoterapias).

Assim, trazer o pensamento, a análise e a reflexão para a compreensão da nossa humanidade, bem como escutar intimamente o nosso eu inconsciente e o inconsciente coletivo, presente em todos nós, torna-se o fundamento precípua do eterno ‘conhece-te a ti mesmo’ – cada vez mais necessário (premente até) para a regeneração moral planetária.

“[...] em cada um de nós existe também um outro
que nós não conhecemos” (Carl Gustav Jung)¹.

Conhece-te a ti mesmo (máxima filosófica de todos os tempos,
das mais diversas civilizações humanas pensantes).²

Os poetas e os filósofos descobriram o inconsciente
antes de mim (Sigmund Freud).³

“A conquista do *Self*⁴ com todos os seus atributos e possibilidades constitui
a meta primordial da existência terrena, em cuja busca devemos investir todo
o potencial humano, emocional, moral, intelectual” (Joanna de Ângelis).⁵

¹ Citação direta extraída da obra: Jung (2013d, p. 164).

² Tal preceito fora pensado, analisado, refletido e vivido pelas mais diversas Filosofias: Kemética, Grega, Estoica, Cristã, Medieval, Espírita, Logosófica e Logoterapêutica. Citando apenas um filósofo de cada vertente filosófica (a título de exemplificação) tem-se, respectivamente: Imhotep; Sócrates; Sêneca; Jesus; Agostinho; Alan Kardec; González Pecotche; Viktor Frankl.

³ Essa frase não é uma citação direta, mas um compilado das observações que Freud expressou, em diferentes momentos, reconhecendo o papel da Literatura e da Filosofia na antecipação do conceito de inconsciente. O trecho que mais se aproxima seria: “[...] reconhecimento dos processos mentais inconscientes. Não foi, no entanto, a psicanálise, apressemo-nos a acrescentar, que deu esse primeiro passo. Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores [...]” (Freud, 2019, p. 90).

⁴ Segundo a Psicologia Analítica, o *Self*, ou o si-mesmo, é o centro da psique integral (consciência + inconsciente); ele é o núcleo organizador da psique (Jung, 2013c; Silveira, 2025). Já o Espiritismo nos diz, na questão 621 de *O Livro dos Espíritos* (Kardec, 2021), que as Leis de Deus estão escritas na consciência – esta enquanto totalidade da psique humana, que tem no *Self* o seu centro estruturante. Por fim, Joanna de Ângelis nos assevera que o *Self* é o próprio ser espiritual, precedente ao berço e sobrevivente ao túmulo (Ângelis, 2021c).

⁵ Citação direta extraída da obra: Ângelis (2021b, p. 108).

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Com MUITO Amor e Gratidão, dedico esta obra:

A Deus:

"[...] a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas" (Kardec, 2021, p. 73).

À Espiritualidade Superior:

Que sempre encaminha o melhor para a humanidade, a destacar Jesus: excelso filósofo e terapeuta de almas.

Ao Espiritismo, nas figuras dos egrégios filósofos e psicoterapeutas Joanna de Ângelis, Allan Kardec e Divaldo Pereira Franco:

Inspiração, motivação e exemplos que nos foram encaminhados. Referências eternas.

À minha mãe, Maria José Ribeiro Palhares (Zezé), ao tio Nélio e à tia Nininha:

Que sempre me indicaram os caminhos da importância fundamental de cuidar da alma – permanecer, constantemente, imerso em processos terapêuticos de autoencontro. Amo vocês!

À Karine – esposa, amiga e parceira amada:

Pessoa humana fundamental que me exemplifica, diariamente, a importância e a possibilidade do automelhoramento. Compartilhar a vida contigo é um exercício de experimentar valores terapêuticos, como a escuta, o suporte e a orientação. Amo-te!!

PREFÁCIO

PREFÁCIO

O convite à leitura de uma obra que se propõe a articular campos tão vastos e profundos quanto a Filosofia, a Psicanálise e as diversas vertentes da psicoterapia contemporânea é, antes de tudo, um chamamento ao exercício do *Thaumazein* (θαυμάζειν): o espanto filosófico que nos retira da inércia e nos conduz à busca pelo conhecimento.

Em **Filosofia, Psicanálise e Outras Psicoterapias**, o meu querido colega e amigo Dr. Leandro Ribeiro Palhares não apenas percorre trajetórias teóricas, mas constrói uma ponte interessante entre a tradição clássica e a prática clínica, oferecendo ao leitor uma visão integrada do ser humano. O volume estrutura-se com o rigor acadêmico necessário para fundamentar a interlocução entre mente e corpo, alma e psique, demonstrando o comprometimento, a seriedade e a dedicação do autor no trato com o estudo e a pesquisa em Psicanálise, Filosofia e outras vertentes teóricas.

Na primeira parte, Leandro resgata os pilares do pensamento filosófico ocidental, revisitando o dualismo de Platão e Descartes, a teleologia ética de Aristóteles e o monismo de Espinosa. Contudo, longe de uma revisão meramente histórica, Palhares utiliza esses conceitos para iluminar questões nevralgias na saúde mental: como os nossos estados mentais influenciam a nossa biologia e de que forma a ética pessoal se traduz em ação no mundo.

Já na segunda parte, o autor mergulha na interface entre a subjetividade e a ciência contemporânea. Nesta etapa, promove um encontro profícuo entre a Psicanálise e outras abordagens terapêuticas, propiciando uma reflexão que transcende a ortodoxia freudiana. Ao examinar o manejo clínico, o autor não se limita à técnica, mas sublinha a dimensão ética da escuta e do acolhimento, contrastando a profundidade do olhar psicanalítico com a tendência reducionista das classificações diagnósticas modernas. Este movimento permite ao leitor compreender que o cuidado da alma, no contexto atual, exige um profissional capaz de transitar entre o “rigor biológico, a espiritualidade e a fluidez do inconsciente”.

O diferencial desta produção reside na coragem de transcender fronteiras tradicionais. Através da integração da Fenomenologia e da Filosofia da Mente com o método psicanalítico, o autor proporciona uma compreensão multifacetada do “si-mesmo” (*Self*). Mais notável ainda é a inclusão de perspectivas que oferecem

PREFÁCIO

PREFÁCIO

contributos importantes para a compreensão do sofrimento humano, como a Psicologia Analítica de Jung, a Logoterapia de Viktor Frankl e a abordagem psicológica de Joanna de Ângelis.

Os benefícios para o leitor são evidentes: o autor demonstra excelente domínio conceitual, não se limitando apenas à teoria, pois ancora a sua análise em casos clínicos que exemplificam a aplicação da associação livre, da transferência e, sobretudo, do poder ético da escuta. Este trabalho caracteriza-se também pela atualidade científica, uma vez que a confluência apresentada abrange relações entre a Psicanálise e as Neurociências, contemplando os conceitos de epigenética e neuroplasticidade.

Por último, não poderia deixar de destacar a abordagem humanista da presente obra. Ao confrontar a Psicanálise com as classificações do DSM, o autor defende a subjetividade e a singularidade do sujeito contra a tendência contemporânea de medicalização e rotulação imediata.

Filosofia, Psicanálise e Outras Psicoterapias é uma obra indispensável para estudantes e profissionais que buscam não apenas conteúdo teórico, mas uma base ética e filosófica para o cuidado da alma. Dr. Leandro Ribeiro Palhares entrega-nos um texto que, fiel à máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo”, serve como um espelho e um mapa para aqueles que se dedicam ao fascinante estudo da psique humana.

Desejo a todos uma excelente leitura e uma jornada consistente na construção do conhecimento!

Prof. Dr. Alessandro Reina

Coordenador Curso Especialização em Psicanálise e Filosofia (CEUCLAR)

Diretor do Instituto de Psicanálise *In Situ* do Brasil

SUMÁRIO

SUMÁRIO

PREÂMBULO	1
------------------------	----------

PARTE 1 - FILOSOFIA E PSICANÁLISE: INTERAÇÕES FUNDAMENTAIS E EDIFICANTES

CAPÍTULO 1. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PSICANÁLISE..	4
---	----------

Platão: alma e corpo	4
Aristóteles: alma e corpo	7
Descartes: mente e corpo	10
Spinoza: mente e corpo	14

CAPÍTULO 2. FILOSOFIA DA MENTE E FENOMENOLOGIA	16
---	-----------

Fenomenologia	16
O método fenomenológico e a Psicologia	17
Filosofia da mente: conceito e questões	20
Filosofia da mente: estados mentais e Psicologia	21

PARTE 2 - PSICANÁLISE: TEORIA, MÉTODO E *IN SITU*

CAPÍTULO 3. TEORIA PSICANALÍTICA	27
---	-----------

Psicanálise: definição e gênese	27
Estruturas psicanalíticas, chistes e atos falhos	29
Psicanálise e Psicologia Analítica	30
Psicanálise e Logoterapia	33

CAPÍTULO 4. MÉTODO PSICANALÍTICO	37
---	-----------

A formação em Psicanálise: um processo contínuo	37
O silêncio e o trauma	39
Caso clínico: associação livre, transferência e ética	41
Caso clínico: o poder da escuta	44

SUMÁRIO

SUMÁRIO

CAPÍTULO 5. PSICANÁLISE *IN SITU* 47

 Psicanálise e o DSM: contribuições e limitações47

 Psicanálise e o DSM: diferenças e aproximações..... 49

 Psicanálise, neurofisiologia e neuroanatomia51

 Psicanálise, epigenética, neuroplasticidade e neuromodulação.....56

EPÍLOGO 58

REFERÊNCIAS 60

SOBRE O AUTOR.....74



PREÂMBULO

Contam seis anos, consecutivos e ininterruptos, que venho estudando o Espiritismo, através das obras básicas codificadas por Allan Kardec (<https://www.febnet.org.br/portal/2020/03/02/obras-de-allan-kardec-2/>); a Psicologia Analítica, por meio das obras completas de Carl Gustav Jung (<https://chela.com.br/livros/psicologia/carl-gustav-jung/>); e uma proposta de correlação entre ambas (Palhares, 2021): a Psicologia Espírita, de Joanna de Ângelis, sob a psicografia de Divaldo Pereira Franco (<https://zoboko.com/text/I93pmr08/a-serie-psicologica-de-joanna-de-angelis-fundamentacao-teorica-para-coordenadores-de-estudos-voume-i/9>). O contato com os princípios filosóficos que sustentam o Espiritismo (Palhares, 2025), bem como toda a abordagem filosófica do legado junguiano (Jung, 2012c, 2013c, 2013f, 2014 – à guisa de exemplificação), me conduziram à segunda graduação superior: o bacharelado em Filosofia (iniciado em 2022 e concluído ao termo do ano 2024).

Porém, de modo especial, a proposta psicológica joannina – uma perspectiva de se compreender o Evangelho à luz da Psicologia Analítica – me permitiu vislumbrar Jesus como o psicoterapeuta por excelência. Para Jung, Jesus é o homem interior que podemos atingir pelo autoconhecimento: “Cristo realizou, portanto, a ideia do si-mesmo” (Jung, 2013e, p. 61). De acordo com Ângelis (2021a, p. 7),

Profundo conhecedor da psique, Jesus penetrava com segurança nos reolhos do indivíduo e descobria as causas reais das aflições que o inconsciente de cada um procurava escamotear. [...] enfrentava as questões com elevado critério de sabedoria, que desnudava as mais intrincadas personalidades psicopatológicas, propondo com rigor a terapia compatível, elucidando quanto à responsabilidade pessoal e eliminando a sombra projetada, sob a qual muitos se ocultavam.

Para Joanna de Ângelis, o estudo do Espiritismo à luz da Psicologia Analítica é uma análise do comportamento humano, isto é, possibilitar a cada um de nós obter a consciência de si-mesmo para ir além da mudança das palavras ditas, alterando nossos pensamentos e, principalmente, mudanças de atitudes.

Entrementes, pelos motivos já expostos anteriormente, senti o chamado para avançar nos estudos na seara psicoterapêutica (em seu sentido originário: terapia da/para a alma) e, ainda buscando conexões com a Filosofia, no transcurso do ano 2025 realizei um Curso de Especialização *Lato Sensu* em Psicanálise e Filosofia que, segundo Reina (2025, p. 3), abarca o “[...] estudo básico dos elementos filosóficos que deram origem e que compõem a psicanálise enquanto teoria e método”. Tal empreitada me possibilitou a produção da presente obra, como parte daquele processo formativo. Assim, o que motivou este trabalho foi socializar minhas análises, reflexões e compreensões das possibilidades de relações – múltiplas, profundas e salutares – entre a Psicanálise e a Filosofia (Rosa, 2000).

A presente produção está dividida em duas partes, para além desta Introdução e das Considerações Finais. A PARTE I (Filosofia e Psicanálise: interações fundamentais e edificantes) consta de dois capítulos: o Capítulo 1 – Fundamentos Filosóficos da Psicanálise – contendo quatro tópicos temáticos que gravitam em torno dos conceitos de alma e corpo segundo Platão e Aristóteles, e o entendimento de mente e corpo conforme Descartes e Spinoza. E o Capítulo 2 – Filosofia da Mente e Fenomenologia – também consta de quatro tópicos temáticos: o que é a Fenomenologia; as relações entre o método fenomenológico e a Psicologia; e os conceitos e questões relativos à Filosofia da Mente, os estados mentais e as possíveis conexões com a Psicologia.

A PARTE II (Psicanálise: teoria, método e *in situ*) está constituída de outros três capítulos. O Capítulo 3 – Teoria Psicanalítica – se apresenta com quatro tópicos temáticos concernentes à Psicanálise: sua gênese e definição; as estruturas psicanalíticas, incluindo os chistes e os atos falhos; e suas interações com outras propostas psicoterapêuticas, tais como a Psicologia Analítica e a Logoterapia. Já o Capítulo 4 – Método Psicanalítico – também se configura com quatro tópicos temáticos que versam quanto à formação em Psicanálise enquanto um processo contínuo, bem como em relação ao silêncio e ao trauma. Além desses, apresenta, ainda, dois casos clínicos que possibilitam a compreensão da associação livre, da transferência, do cuidado ético e do poder da escuta. Por fim, o Capítulo 5 – Psicanálise *In Situ* – consta, igualmente, de quatro tópicos temáticos que possibilitam identificar as contribuições, limitações diferenças e aproximações da Psicanálise com o DSM e também os vínculos da Psicanálise com as searas científicas da neurofisiologia, da neuroanatomia, da epigenética, da neuroplasticidade e da neuromodulação.



PARTE

1

FILOSOFIA E PSICANÁLISE: INTERAÇÕES FUNDAMENTAIS E EDIFICANTES

Nos dois capítulos que constituem esta primeira parte será possível apreender as bases filosóficas da Psicanálise e seu nexó com a Filosofia da Mente e a Fenomenologia.



CAPÍTULO 1. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA PSICANÁLISE

O objetivo deste capítulo foi identificar alguns aspectos e questões filosóficas que dialogam com a Psicanálise. Para tanto, elegi alguns filósofos – Platão, Aristóteles, Descartes e Spinoza – que refletem acerca da alma, da mente e do corpo, tanto em suas interações quanto em relação ao entendimento do humano e suas ações, individuais e coletivas. O propósito foi compreender “[...] como os pensadores compreendem os elementos relevantes da psique humana, os conflitos que emergem do desejo, o afeto e as reflexões racionais na tomada de decisão que propiciam o sentido da vida considerando a concepção adotada pela pessoa” (Rezende, 2022b, p. 15).

Platão: alma e corpo

Para a tarefa de apresentar e discutir os conceitos de alma e corpo em Platão me vali do curta-metragem *Escolhas* (2020), pois ele me impactou; me thaumatizou! – Me valho, aqui, do conceito de *Thauma*, na Filosofia, enquanto aquilo que promove espanto e admiração, provocando a necessidade filosófica de pensar – analisar e refletir – e, com isso, ir além, avançar. Esse vídeo necessita ser disseminado e problematizado, em particular, nas instituições de ensino oficial (ensinos básico e superior) e, de modo mais amplo, no interior dos núcleos familiares.

Escolhas (2020) é um curta-metragem cuja história gravita em torno de duas personagens – a criança e seu pai – e “retrata a forma como encaramos o mundo ao nosso redor, muitas vezes intoxicados pela rotina que nos cerca, vamos perdendo nossa vida, deixando de lado a imaginação e o afeto...” (<https://www.fazendohistoria.org.br/blog-geral/2017/2/3/alike-um-curta-metragem-que-vale-ser-assistido-todos-os-dias>).

Início com uma análise de como a personagem ‘criança’ manifesta sua alegria, relacionando com os conceitos de corpo e de alma na filosofia platônica. Entendo que a analogia da personagem ‘criança’ com os conceitos ‘corpo e alma’ em Platão pode ser realizada em diferentes perspectivas. A que me sobreveio foi relacionar a criança à alma, pois ela transcende as questões materiais que nos são impostas pela vida adulta (na verdade, nos impomos). No curta-metragem, a criança pode ser

compreendida “[...] como nosso eu mais genuíno, completa, com toda a complexidade e mudança advindas do conhecimento [...]” (Robinson, 1998, p. 342). E o conhecimento – alimento da alma (a ‘criança’) para Platão – está metaforizado na Arte (música e pintura/desenho): filosoficamente, as manifestações estéticas seriam a expressão da alma: “[...] a felicidade da alma não se encontra em nada proporcionado pelo mundo do espaço-tempo, mas na contemplação eterna das Formas transcendentais” (Robinson, 1998, p. 342).

Para Platão, a alma busca o sublime, o divino – no caso da criança, ela se nutre pela arte: a música (o violinista na praça) e os desenhos (sua expressão livre do Belo). Oliveira (2012, p. 181) apresenta o real desejo da alma e que pode ser identificado na personagem ‘criança’: “O que a alma ama, na verdade, é, contudo, a própria ideia de beleza, isto é, o Belo em si. [...] Apenas o Belo, das ideias inteligíveis, com seu brilho incomparável, é capaz de despertar a alma [...]”.

Já a personagem ‘pai’, em sentido contrário, me remeteu ao ‘corpo’ da filosofia platônica, pois fica nítida a perda da vitalidade, da energia, da liberdade mesmo daquela psique (alma) quando ela se vincula cada vez mais às questões materiais, mundanas, físicas/corporais, relegando a si mesma e aos princípios do Belo e do virtuoso. Através do pai podemos identificar, em um primeiro momento, a noção que os textos platônicos nos ofertam do corpo material enquanto cárcere da alma – ou o ‘corpo obstáculo’ (da expansão e do desenvolvimento), conforme apresentado por Decotelli (2015).

Por outro lado, o próprio Decotelli (2015) problematiza a tradução do termo *phrouṛá*, quer dizer, a alma não estaria presa/encarcerada ao corpo, mas o corpo seria um permanente estado de atenção/alerta, justamente para não sucumbir em sua missão. Penso que a tradução mais sensata, por conta de todo o legado platônico, seria a de corpo enquanto um estado de atenção – um ‘corpo possibilidade’ (da expansão e do desenvolvimento) – pois remete ao cuidado de si. O legado platônico seria: alma, cuide-se para não se perder (perder sua essência divina) na materialidade da vida do corpo. Já o legado do curta-metragem seria: que não percamos a nossa essência (ser criança) à medida que nos tornamos adultos. Para mim, a noção platônica de corpo (em analogia à criança do curta-metragem) remete à máxima socrática do ‘conhece-te a ti mesmo’.

De acordo com Decotelli (2015, p. 87), “O que interessaria a Platão seria demonstrar o quanto é prejudicial para a alma o apego ao corpóreo”. Mas sempre lembrando que apego não é aprisionamento e desapego (gradual, cômico) não é recusa, negação e/ou autoflagelamento. Segundo Santos (2006, p. 46), em relação ao dualismo corpo e alma, “A cisão é [...] no plano ético [...]”. E isso também pode ser identificado no curta-metragem quando o pai – mesmo que imerso na massificação

da vida material sem sentido (a rotina cotidiana, em especial a do trabalho) – identifica que algo está errado ao perceber (na experiência do vivido com um ser que lhe é caro) que uma criança está perdendo a conexão com o Belo, o virtuoso, o que realmente vale a pena.

Como disse Oliveira (2012, p. 178), “[...] o homem deve, antes de encontrar-se, perder-se”; ou seja, na perda do seu filho (alma) para o mundo material alienante (corpo) percebe que também se perdeu e daí ele – que também fora criança (e, portanto, é alma/espírito/psique) – busca a superação de tal condição pelo Amor: “O Amor sempre ama o que é belo; [...] O que a alma ama, na verdade, é, contudo, a própria ideia de beleza, isto é, o Belo em si. [...] Apenas o Belo, das ideias inteligíveis, com seu brilho incomparável, é capaz de despertar a alma, fazê-la se lembrar” (Oliveira, 2012, p. 181).

Finalizo essa primeira análise com uma citação de Robinson (1998, p. 354) que sintetiza a problemática corpo-alma em Platão, que pode ser compreendida também como a essência do curta-metragem: “Ao fim, ele está lutando com o problema que jaz no coração de todo dualismo psicofísico, o de relacionar uma substância física a uma imaterial, e termina por admitir abertamente sua perplexidade. Eis um esplêndido tributo a sua honestidade intelectual”.

Na sequência, relacionarei qual perspectiva, dionisíaca ou apolínea, se apresenta na perspectiva do ‘pai’ e como isso pode ser compreendido nas formas da alma, segundo Platão. As perspectivas dionisíaca e apolínea dizem respeito às características da alma (psique) humana. Todos temos um “[...] elemento dionisíaco [...] [que – **grifo meu**] representa o lado bestial e monstruoso da alma humana, e o apolíneo [...] o que há de verdadeiramente *divino* no homem” (Oliveira, 2012, p. 177). E tais características foram interpretadas filosoficamente, por Platão (no diálogo *Fedro*), através do Mito do Cocheiro – personagem que conduz (e tem que domar) dois cavalos, um branco (de características apolíneas) e outro da cor preta (de caracteres dionisíacos). Segundo Oliveira (2012, p. 176), “Esta teoria [...] permite trabalhar com a ascensão do mundo sensível ao inteligível”.

Dito isso – retomando ao curta-metragem – a praça, com a árvore e o violinista, é o único local colorido em meio ao cinza da vida do pai. Minha interpretação platônica a essa condição (do pai) se refere a uma vida dionisíaca, isto é, obscura, focada nas necessidades materiais (pois são as do corpo – trabalhar; cumprir horários; executar tarefas; se alimentar para conseguir cumprir a agenda diária); vida essa que nos leva à alienação, a tornarmos-nos parte de uma massa bestializada pela homogeneização globalizante, até o absurdo da banalização do mal (Arendt, 1999) – características que foram apresentadas no curta-metragem quando a criança perde ‘a cor’ e personifica o semblante dos adultos; ou seja, começa a perder sua essência, seu caráter apolíneo (divino), “[...] seu princípio vital (literalmente, “vida”, *psyche*) [...]” (Robinson, 1998, p. 335), enfim, a alma entra no cárcere do corpo.

Retomando ao pai – metaforização da alma encarcerada ao corpo e, por isso mesmo, cerceada ao seu propósito divino (a ascese; a transcendência; o autoencontro com o si-mesmo) – que também é psique (alma), mesmo que inconscientemente aprisionada, percebe um feixe de luz (a luz no fim do túnel na/da caverna do mito platônico) que o relembra de sua característica apolínea: o Amor! O amor pelo seu filho (o amor ao divino psíquico – psique = alma – transcrito na máxima socrática do ‘conhece-te a ti mesmo’). Ou, como escreveu Oliveira (2012, p. 181), “Para alcançar novamente a região inteligível, é necessário que a alma vislumbre as verdadeiras essências, lembrando-se delas, para que libere sua *parte divina* e aspire ao retorno à sua verdadeira morada”.

Na perspectiva do pai, a alma apresentou suas duas formas – a dionisíaca e a apolínea – como deve ser, afinal, assim somos todos. Como diz Decotelli (2015, p. 94), “A prisão é, inexoravelmente, um local do qual não se pode fugir, assim como a alma do corpo. Mas o filósofo [aquele que busca o conhecimento/saber – **grifo meu**], enquanto ali está, pode estabelecer uma relação positiva com essa condição [...]”. Ou seja, reunimos as condições necessárias para uma vida equilibrada/virtuosa na busca constante pelo automelhoramento, em que “[...] o corpo não seria apenas um impedimento, ao invés, seria uma possibilidade de superação” (Decotelli, 2015, p. 86).

Para concluir este tópico vou me valer de uma citação de Robinson (1998, p. 352): “[...] Platão é um desbravador do campo da psicologia filosófica [...]”. O estudo desse filósofo grego da antiguidade, bem como um olhar filosófico para o referido curta-metragem (*Escolhas*, 2020), constituem de um verdadeiro exercício filosófico de integração com a Psicologia, a Psicanálise e todas as outras formas de psicoterapia.

Aristóteles: alma e corpo

Início este tópico apresentando e discutindo os conceitos de alma e corpo na ética aristotélica, com a finalidade de pensar o *telos* da vida feliz. Para tanto, começo analisando o significado da palavra *telos*. De acordo com Peters (1983, p. 226), *telos* significa “completude, fim, finalidade”. Daí deriva-se Teleologia enquanto o estudo dos fins, das finalidades; ou, a “[...] a parte da filosofia natural que explica os fins das coisas [...]” (Abbagnano, 2007, p. 954).

Telos é um conceito fundamental na filosofia aristotélica, afinal, para o estagirita, “[...] o *telos* é o Bem [...] o Bem supremo, e daí a causa final de todo o *kosmos* ser o Primeiro Motor [...]” (Peters, 1983, p. 227). Com isso, o filósofo estabelecera em sua ética que “[...] o “melhor” ou o “excelente” é a “verdadeira” causa das coisas [...]” (Abbagnano, 2007, p. 458).

Nesse sentido, o *telos* pensado por Aristóteles é, justamente, a vida feliz, isto é, uma vida virtuosa, fundamentada eticamente no Bem. A questão aqui é como a díade corpo e alma se integram nessa concepção. Segundo Moraes (2019, p. 21), “Alma, em Aristóteles, remete, em sentido estrito, à funcionalidade do corpo vivo”. Daí já temos uma relação indissociável e imanente entre corpo e alma, que o próprio estagirita explana em sua obra *De Anima*: “A definição geral de alma é expressa por Aristóteles desse modo: “se é preciso enunciar algo comum a toda e qualquer alma, seria que é a primeira atualidade do corpo natural orgânico” (Silva, 2016, p. 19).

Para Silva (2016, p. 47), “[...] o filósofo não aceita a pura explicação material dos fenômenos da alma, mas também não rejeita toda e qualquer interferência física neles. Isso se evidencia pelo uso dos conceitos de ato e potência [...]”. E, de acordo com Moraes (2019, p. 29), “Isso nos leva à famosa definição do movimento como “atualidade do ente em potência enquanto tal”. Essas duas citações demonstram a dinâmica – ou o estado permanente de dinamismo – da alma: mais que uma simples transição entre estados (de potência para ato), significa mudança (*metábole* – conforme Moraes, 2019).

E é isso, para pensar o *telos* da vida feliz na ética aristotélica, a alma necessita do corpo para manifestar suas realizações; e este também se imprime na alma, por meio desses mesmos feitos – claramente, uma abordagem psicossomática em Aristóteles (Silva, 2016). Ou seja, o ponto comum entre corpo e alma são tais realizações, de ambos; são elas que devem ser educadas para o bem viver de uma vida digna e edificante. Para tanto, devemos nos valer da “[...] disciplina do hábito requerida para tornar um homem virtuoso não prescinde do corpo, antes reserva para seu cuidado uma virtude de capital importância, a temperança” (Ramos, 2009, p. 68).

As paixões e os apetites se configuram por meio do/através do corpo carnal. Tais sensações não devem ser negligenciadas ou negadas, mas disciplinadas, pois somente assim se adquire um fortalecimento das virtudes morais que conduzem a um *telos* feliz, calcado no Bem:

O temperante não é, portanto, nem insensível, nem continente, porque sua educação e seu cuidado disciplinado do corpo, não lhe legou a falta de apetites mas sim a falta de apetites maus, de forma que se abster dos prazeres que não deve sentir não lhe custa nada, antes lhe traz satisfação, pois tais prazeres se lhe assomam como ensejos de vergonha (*aidos*) e não como verdadeiros prazeres (Ramos, 2009, p. 74).

Logo, para que o que é divino em nós venha a atuar, é necessário antes cuidar do que nos é animal (sem deixar de ser nosso, isto é, humano), noutras palavras, para a excelência humana, é de suma importância o cuidado com o nosso corpo, isto é, com o comer, beber e fazer sexo (Ramos, 2009, p. 75).

E tal atitude educativa de si mesmo exige esforço, requer coragem – enquanto disposição ética, como capacidade (*héxis*) de enfrentar-se em seus conteúdos sombrios e tornar-se, pela força do hábito, virtuoso (Moraes, 2019).

Com o até aqui exposto, darei sequência nas análises dos conceitos de corpo e alma propostos por Aristóteles, porém, como eles correspondem a ações políticas dos sujeitos. Para tanto, inicio analisando o significado do termo política: “[...] o estudo das relações humanas em sociedade, visando o bem comum e a justiça” (Palhares, 2025, p. 42). A política visa estabelecer “[...] os critérios da justiça e do bom governo, e examinando as condições sob as quais o homem pode atingir a felicidade (o bem-estar) na sociedade, em sua existência coletiva” (Japiassú; Marcondes, 2008, p. 199).

Por meio da definição apresentada, nos é possível identificar vocábulos de virtude, tais como: relações humanas; bem comum; justiça; felicidade; bem-estar; existência coletiva. Dessa sequência, consigo estabelecer conexões, profundas e indelévels, entre o *telos* de uma vida individual/privada feliz (virtuosa; eticamente assertiva; moralmente correta) e o mesmo *telos*, porém, de uma vida social/coletiva. Quero dizer que a vida em sociedade, isto é, a vida política, é constituída das ‘vidas cidadãs’. Dito de outro modo, para uma vida boa em sociedade faz-se necessária uma conduta ética e virtuosa de cada um dos membros dessa sociedade. E é nesse sentido que os conceitos de corpo e alma, propostos por Aristóteles, mas especialmente as suas relações e como, por meio delas, se conquista o Bem (através da coragem, da disciplina e da temperança), correspondem às ações políticas dos sujeitos, no âmbito social (*polis*).

Para não repetir os mesmos construtos já apresentados anteriormente, vou me valer aqui de uma citação que sintetiza essa relação holonômica entre a virtude pessoal e a virtude social – aquela como uma ação política desta:

Partindo do fato de que o corpo tem seus apelos e que é essencial ao ser humano, que todos têm que lidar com seus apetites e que a constituição humana é tal que é o exercício constante que determina sua forma acabada, isto é, seu caráter, é evidente que se deve empenhar num diligente cuidado com o gozo carnal, quer pelo comer ou beber, quer pelo sexo, pois mesmo a boa condição do corpo depende disso, de que, por sua vez, depende a atuação da razão e a execução da ação virtuosa. Portanto na medida em que essa disciplina dos apetites mostra-se da mais alta importância na formação do caráter humano e na sua capacidade de se deixar guiar pela razão, tratar-se-á de uma virtude, a temperança, que opera o equilibrado vínculo entre a boa condição do corpo, do caráter e da razão. Desse modo, [...] Aristóteles, ainda que considerando o corpo mero instrumento, não pôde ignorar a importância de seu cuidado para a excelência humana, pelo qual a nossa animalidade é equilibrada e aperfeiçoada para entrar em conformidade com o que em nós é mais próprio e excelente, o domínio da regra racional (Ramos, 2009, p. 77).

Nessa citação, a palavra ‘caráter’ foi utilizada três vezes e sempre correlacionada a outras características virtuosas: uso da razão; temperança; excelência humana. Assim, não há dúvida que essa pode ser uma possibilidade de explicação de como corpo e alma aristotélicos correspondem a ações políticas.

Descartes: mente e corpo

Início este tópico com uma análise do pensamento cartesiano no que corresponde à produção do conhecimento em sua perspectiva dualista. Descartes considera o conhecimento como paixões da alma, isto é, “[...] as sensações, os apetites e o que tratamos por emoções” (Bertoni, 2015, p. 5). Dito de outro modo, o conhecimento seria um fator cognitivo que associado às paixões constituem as ações humanas e “Neste sentido, paixão e ação são dois aspectos de um mesmo evento mental” (Alves, 2016, p. 58).

Desse modo, o pensamento dualista cartesiano – que nos apresenta mente/alma e corpo, em interação permanente que nos constitui – também se nos mostra a díade paixões da alma (as emoções) e ações (nossos atos e pensamentos) como constitutivos do conjunto conhecido por conhecimento humano. Difícilmente há uma ação (movimento corporal ou pensamento) desprovida de paixão/emoção (intencionalidade), da mesma forma que não há paixão/emoção que não cause alguma ação (movimento corporal ou pensamento).

Conforme Alves (2016, p. 60), “Estar em uma emoção significa, também, possuir um conhecimento intuitivo, direto, subjetivo sobre o que ocorre no corpo”. Por outro lado, “As emoções devem ser controladas a fim de buscarmos a saúde física e mental” (Alves, 2016, p. 61) e aí entra o atributo da vontade – “[...] ações da alma, por excelência [...]” (Bertoni, 2015, p. 5) –, pois é ela que controla as nossas ações/pensamentos e paixões/emoções: “O domínio das paixões acontece, inicialmente, através da razão e da vontade, por meio de artifícios cognitivos, num processo analítico, reflexivo, intelectual” (Alves, 2016, p. 61).

Descartes (1979, p. 234) diz-nos que “[...] não basta termos a vontade de fazê-lo, mas é necessário considerar as razões, os objetos ou os exemplos [...]”; isto é, necessitamos do intelecto – quer dizer, das capacidades analíticas e reflexivas – para a tomada de decisão, para o exercício adequado do livre arbítrio. E nisso (dessa forma de processamento) se constitui a produção do conhecimento humano. A seguir, um exemplo da configuração da moral cartesiana – um exemplar do conhecimento humano:

Por ser dotado de razão e vontade, o ser humano pode e deve controlar suas emoções e ações, seus hábitos, seguindo a virtude. O sujeito virtuoso é aquele que possui juízos verdadeiros acerca do bem e do mal (do bem viver) e aplica a sua vontade em segui-los. O vício, ao contrário, se caracteriza pela ignorância ou pela fraqueza da vontade [...] (Alves, 2016, p. 63).

Enfim, a produção do conhecimento explicada à maneira cartesiana considera as relações, profundas e indelévels, entre corpo e alma; ou, como nos relata o próprio Descartes: “[...] o principal efeito de todas as paixões nos homens é que incitam e dispõem a sua alma a querer as coisas para as quais elas lhes preparam os corpos

[...]” (Descartes, 1979, p. 232). Nesse sentido – e para finalizar essa minha análise – é o conjunto paixões/emoções e ações/pensamentos, moldado, permeado, direcionado e conduzido pela vontade (moralmente adequada; visando o Bem) que configura a aquisição dos nossos conhecimentos e saberes.

Para a tarefa de amplificar os conceitos de corpo e mente em Descartes me vali do longa-metragem *O Ponto de Mutação* (1990), pois no mesmo se apresenta o impacto da concepção cartesiana na forma como o sujeito vê e age no mundo considerando tais conceitos cartesianos.

O longa-metragem *O Ponto de Mutação* (1990), se nos apresenta por meio de três personagens: uma cientista, um poeta e um político. Cada qual com sua concepção de mundo, forjada pelos conhecimentos adquiridos ao longo de suas vidas, nos levam a reflexões que se tornam pertinentes à filosofia de Descartes. Produzido há 35 anos, o longa-metragem ainda se faz atual e pertinente, pois o debate que ele fomenta ainda encontra-se em voga, pois centenas de milhões de pessoas (muito provavelmente até bilhões de nós) ainda nos mantemos alienados a tais análises, reflexões e, principalmente, às mudanças de comportamento que urgem.

Temos taxas elevadas de inflação e desemprego, temos uma crise energética, uma crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais, uma onda crescente de violência e crimes, e assim por diante. A tese básica do presente livro é de que tudo isso são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção. Tal como a crise da física na década de 20, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta – a visão de mundo mecanicista da ciência cartesiana-newtoniana – a uma realidade que já não pode ser entendida em função desses conceitos. Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece (Capra, 2012, p. 8).

A proposta de pensamento cartesiano considerou a complexidade das coisas, das pessoas, da vida e do Universo. E, ao se deparar com tamanho desconhecimento humano acerca dessa complexidade, Descartes propõe um método – científico, mas também de pensar e de viver no mundo – de modo fragmentário: dividir “[...] o todo em partes, para estudando e entendendo cada uma, procurar entender o todo” (Arantes, s/d). Contudo, após cerca de quatro séculos, está nítido que tal sistema epistêmico vem falindo a humanidade, bem como o planeta. Não há como compreender o Universo, o nosso planeta, um país e a nós mesmos – enquanto humanidade e individualmente – sem a noção que absolutamente todos e tudo se encontram em interação, profunda e íntima: cada um de nós é todo e parte; cada cidade ou país é parte e todo; o Planeta Terra é todo e parte – de um Universo que estamos descobrindo que não é somente todo, mas também faz parte!

Obviamente que a proposta cartesiana favoreceu a compreensão de partes (e de partes cada vez menores dessas partes) – o que gerou progressos para a nossa espécie. Porém, havia um limite, tênue é verdade, mas havia (um ponto de mutação: para Capra, 2012, p. 31, “Uma das coisas mais difíceis de serem entendidas pelas pessoas em nossa cultura é o fato de que se fazemos algo que é bom, continuar a fazê-lo não será necessariamente melhor”); sempre houve e o negligenciamos, pois, conforme Rego (2021), “[...] o mundo é muito complexo para se acharem respostas individualizadas”. Quer dizer, passamos a entender muito de pouca coisa (as partes e suas subpartes) e nos afastamos da compreensão verdadeira/real, isto é, aquela que nos apresenta as interações entre as partes, afinal: $1 + 1 = 2$ é um cálculo que vale apenas para o aprendizado dos primeiros números, na infância e para o exercício profissional nas Ciências Exatas. Para a compreensão da pessoa humana, das sociedades, da humanidade, do Planeta Terra e do Cosmos a conta é outra: $1 = 1 \neq 2$. Sim! Pois além dos dois elementos (1 e 1) tem-se a interação entre eles que, para sistemas vivos (humanos, animais, plantas, sociedades, planetas e Cosmos), são fundamentais para a compreensão dos processos já que nos apontam características que só ocorrem na interação. Segundo Capra (2012, p. 8 e 9),

Precisamos, pois, de um novo “paradigma” — uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos [...] A gravidade e a extensão global de nossa crise atual indicam que essa mudança é suscetível de resultar numa transformação de dimensões sem precedentes, um momento decisivo para o planeta como um todo. [...] a maneira como as várias partes estão integradas no todo é mais importante do que as próprias partes.

O debate até aqui aludido também abarca os conceitos corpo e mente apresentados na filosofia de Descartes, afinal, o dualismo cartesiano tão aventado (Alves, 2016; Bertoni, 2015; Descartes, 1979) sedimentou, por séculos, a dicotomia entre corpo e mente e que até os dias atuais ainda provocam confusões, estranhezas, desavenças, rupturas que nos conduzem aos afastamentos e até a guerras cívico-religiosas:

A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações, acredita-se, determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. Veremos que tal concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou à bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses (Capra, 2012, p. 29 e 30).

O dualismo corpo e mente, infundido por Descartes “[...] nos ensinou a conhecermos a nós mesmos como egos isolados existentes “dentro” dos nossos corpos [...]” (Capra, 2012, p. 46), o que contribuiu fortemente para sepultar na humanidade, em geral, uma cosmopercepção: integral da pessoa humana – biopsicossocioespiritual (Moreira-Almeida; Mosqueiro; Bhugra, 2021); e holística entre humanidade, Natureza, Deus e o Cosmos. E tal concepção, holística, pois biopsicossocioespiritual, é denominada pelo físico teórico Fritjof Capra – diretamente em seu livro (Capra, 2012) e indiretamente no longa-metragem (*O Ponto de Mutação*, 1990) – de Ecologia Profunda: uma cosmopercepção sistêmica, holonômica, não linear e complexa. De acordo com Capra (2012, p. 390), “Quando o conceito de espírito humano é entendido nesse sentido, como o modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual”.

Para finalizar este tópico citarei, integralmente, a análise realizada por Gonçalves (2024) a respeito do livro *O Ponto de Mutação* (Capra, 2012), que foi a fonte matricial da produção d’*O Ponto de Mutação* (1990):

[...] é um mergulho profundo na interconexão entre ciência, filosofia e espiritualidade, oferecendo uma visão abrangente das crises sociais, ambientais e econômicas enfrentadas pela humanidade. Publicado em 1982, o livro propõe uma nova visão de mundo que transcende as divisões tradicionais entre disciplinas acadêmicas e culturas.

A obra argumenta que estamos nos aproximando de um “ponto de mutação” fundamental na história da humanidade, no qual as estruturas e sistemas existentes estão sendo desafiados e transformados de maneiras sem precedentes. Capra examina uma série de crises globais, incluindo a crise ambiental, a crise energética e a crise de valores, argumentando que todas estão interligadas e exigem uma abordagem holística para serem resolvidas.

Por meio de uma análise interdisciplinar que abrange a física, a biologia, a psicologia, a ecologia e a espiritualidade, Capra propõe um novo paradigma científico baseado na teoria dos sistemas e na compreensão da interconexão e interdependência de todos os fenômenos. Ele defende uma abordagem ecológica para a vida e para a sociedade, na qual as relações entre os sistemas naturais e sociais são reconhecidas e valorizadas.

“O Ponto de Mutação” desafia os leitores a repensar suas concepções de realidade e a adotar uma nova visão de mundo que seja mais holística, sustentável e compassiva. Capra argumenta que precisamos abandonar a mentalidade mecanicista e reducionista do passado e abraçar uma perspectiva mais integrada e interconectada, que reconheça a interdependência de todos os seres vivos e promova a harmonia e o equilíbrio com o mundo natural.

Em última análise, “O Ponto de Mutação” é uma chamada à ação para uma transformação profunda em nossas instituições, valores e modos de vida, à medida que nos aproximamos de um futuro incerto e desafiador. É uma leitura essencial para todos aqueles interessados em compreender as complexidades do mundo moderno e em contribuir para a construção de um futuro mais sustentável e humano.

Spinoza: mente e corpo

Início este tópico apresentando e discutindo os conceitos de mente e corpo na filosofia espinosista e suas relações com os afetos. Espinosa estatui um monismo substancial, isto é, “[...] uma imanência plena que não permita qualquer hierarquia entre mente e corpo, entre o pensamento e a extensão” (Fernandes, 2018, p. 21). Ou seja, “[...] nem a mente determina um corpo a agir, nem o corpo determina a mente a padecer ou pensar [...]” (Itokazu, 2006, p. 123). Com isso, o corpo para Espinosa seria uma complexidade intra e interrelacional, quer dizer, “[...] a definição de um corpo próprio depende de sua relação com os outros corpos” (Itokazu, 2006, p. 127).

Nesse sentido, “O corpo humano se caracteriza pela sua imensa capacidade de afetar e de ser afetado pelos corpos exteriores de modo diverso e variado em qualidade e quantidade” (Peixoto Júnior, 2009, p. 383). De acordo com Spinoza (2009, p. 49), os afetos são as afecções do corpo “[...] pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções”.

Assim, segundo Peixoto Júnior (2009, p. 380), “O afeto possui ao mesmo tempo uma realidade física e uma realidade psicológica” – de igual modo à concepção espinosana de corpo e mente (o paralelismo):

[...] ao articular internamente mente e corpo, força pensante e força imaginante, virtude e aptidão para pensar e agir, e ao tornar inseparáveis o pensamento e o afeto, a liberdade e a felicidade, Espinosa nos oferece uma via ampla – embora árdua e difícil – para compreendermos as relações entre o psíquico e o físico, o intelectual e o afetivo, a autonomia e a alegria de viver (Peixoto Júnior, 2009, p. 384).

A partir daqui darei sequência em como a concepção de Espinosa supera a visão dualista de corpo e mente e seu impacto para entender o sujeito. Espinosa rompe com o dualismo corpo e mente, explicando que ambos os atributos são “[...] uma só e mesma coisa expressa de duas maneiras. [...] Trata-se da tese de que não há em Espinosa apenas a negação de qualquer ligação de causalidade entre a mente e o corpo, mas também a recusa de qualquer eminência de um sobre o outro” (Fernandes, 2018, p. 20).

A compreensão do sujeito por meio da concepção espinosana nos remete à essência humana, isto é, o *conatus*:¹ “[...] esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir-se e realizar-se plenamente” (Peixoto Júnior, 2009, p. 372). De acordo com Spinoza (2009), “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”

¹ *Conatus* (do Latim: esforço) é um termo ou conceito usado na Filosofia para se referir ao “[...] instinto ou a tendência de todo ser à própria conservação. Esse conceito ganhou forma clássica com Spinoza, para quem “o esforço de conservar-se é a própria essência da coisa”. [...] Recebe o nome de *vontade* quando se refere só à mente; quando se refere à mente e ao corpo ao mesmo tempo chama-se *apetite*, que, por isso, é a própria essência do homem” [...]” (Abbagnano, 2007, p. 163).

(p. 106). E, em sentido contrário, cada coisa “[...] se opõe a tudo que possa retirar a sua existência [...]” (p. 106). Essa resistência à destruição é formulada por Spinoza em termos de um esforço para continuar a existir, e *conatus* é a palavra que ele mais usa frequentemente para descrever essa força.

Chauí (1995, p. 63) afirma que “[...] somente os humanos são conscientes de possuir o esforço de perseveração na existência. Na verdade, os humanos não possuem *conatus*, são *conatus*”. E esse conceito (*conatus*) – a verdade da essência humana (corpo e mente em relação heterárquica) – impacta sobremaneira a compreensão a respeito da pessoa humana.



CAPÍTULO 2. FILOSOFIA DA MENTE E FENOMENOLOGIA

O objetivo deste capítulo foi apresentar alguns constructos basilares da Filosofia da Mente, bem como o método fenomenológico “[...] para o entendimento das relações do ser no mundo [...]” (Rezende, 2022a, p. 5). A Fenomenologia e a Filosofia da Mente possibilitam, dentre outras, a compreensão: da experiência vivencial da humanidade no mundo; das relações mente e corpo; e da percepção e do pensamento psicanalíticos. O propósito foi contribuir para a compreensão dos “[...] elementos da consciência, os atos intencionais, o processo da percepção, a superação do dilema corpo-mente [...] um entendimento [...] sobre o pensamento e a consciência que ocorre nos seres humanos mediados pelas experiências no mundo vivido” (Rezende, 2022a, p. 15).

Fenomenologia

A Fenomenologia pode ser compreendida como o estudo dos fenômenos, isto é, como eles se apresentam a nós – e, obviamente, como nós os compreendemos. O método fenomenológico apresenta-se, então, como uma “[...] proposta de uma volta às próprias coisas” (Pires, 2012, p. 289). Dito de outro modo, a fenomenologia é um voltar-se para o objeto observado (seja ele algo ou alguém), quer dizer, é estar presente/inteiro/pleno – e, nesse sentido, consciente – do fenômeno que se observa, sem qualquer julgamento a priori; ou como relatou Pires (2012, p. 296): “Trata-se de colocar *entre parênteses* todo o conhecimento ou crença que temos diante das coisas e do mundo”.

E, conforme Husserl (2006, p. 323), aí encontra-se “O problema que abarca a fenomenologia inteira [...]: intencionalidade. Ele exprime justamente a propriedade fundamental da consciência [...]”. Para sermos/estarmos cômicos de/para algo/alguém, precisamos ter a intenção de, isto é, necessitamos estar imersos com alguém ou em relação a algo para ter consciência real do momento:

[...] a consciência é necessariamente intencional por partir da relação básica constituída pelo par indissociável sujeito/objeto. Tal conceito de intencionalidade põe em destaque o movimento da consciência em direção ao objeto e, mais ainda, essa propriedade cumpre um caráter universal, fazendo-se presente no funcionamento psíquico do homem (Souto; Neto, 2020, p. 95).

Sendo assim, para Husserl, a intencionalidade é uma propriedade psíquica, própria da consciência, que possibilita correlacionar sujeito e fenômeno – permitindo àquele qualificar um sentido subjetivo a este; e, em sentido inverso, este interferir no campo observacional-consciencial daquele, modificando-o, ampliando-o (Pires, 2012; Souto; Neto, 2020). Ou, como retrata Coelho Júnior (1998, p. 14), “A consciência é abertura ao mundo, já que é consciência intencional”.

A Fenomenologia é um método filosófico que valoriza a subjetividade das experiências de relação sujeito-mundo. Daí a Fenomenologia ser uma postura/atitude filosófica perante si mesmo, enquanto fluxo de experiências do vivido. Portanto, pelo método fenomenológico ser-nos-á possível analisar e procurar entender quem somos.

Assim, a fenomenologia é o estudo das estruturas da consciência como experimentadas do ponto de vista da primeira pessoa. A estrutura central de uma experiência é sua intencionalidade, seu direcionamento para algo, como experiência de ou sobre algum objeto. Uma experiência é direcionada a um objeto em virtude de seu conteúdo ou significado (que representa o objeto) juntamente com as condições capacitadoras apropriadas. Dito isso, qual seria a experiência mais complexa, integral e difícil de se operar conscientemente para uma pessoa? O significado de si mesma, isto é, a autoconsciência – conceito wundtiano (ou *Self*) que expressa a experiência interna da própria experiência.

O método fenomenológico e a Psicologia

Para Wundt (1907, s/p), a Psicologia é “[...] a ciência da experiência imediata” e, a partir de tal premissa, “[...] todo fenômeno psíquico é um contínuo ir e vir, um produzir e ser produzido” (Marcellos; Araujo, 2011, p. 315). Para tanto, conforme Feijoo e Mattar (2014, p. 441), a Psicologia “[...] em uma tentativa de distanciar-se das referências científico-naturais, segue o caminho do método fenomenológico [...]”. E tais

[...] perspectivas fenomenológico-existenciais em psicologia, quando pretendem investigar as temáticas existenciais ou as vivências, tais como consciência [...] não como substâncias que sustentam as determinações em si mesmas, nem como determinações de uma interioridade psíquica, mas como atos que se constituem na cooriginariedade homem-mundo (Feijoo; Mattar, 2014, p. 442).

Nesse sentido, a consciência é relacional e, por isso mesmo, também é intencional. Quando alguém ama (outrem ou algo) e se conscientiza de tal prazer sensorial, ele compreende que ama o ato de amar; que ela ama tal experiência. E isso é importante

para a Psicologia, pois ao adquirir a consciência do todo pela distinção das partes, as pessoas podem, conscientemente, transferir (mais com a ideia de multiplicar que de substituir) esse amor – por algo ou alguém – para si mesmo, pois o essencial é nutrir o ato em si.

Segundo Wundt (1907), um dos processos afetivos são as emoções, que influenciam as representações mentais e as ações voluntárias (atos conscientes), pois:

[...] a emoção estaria relacionada com o processo da memória, de forma que a excitação daquela só poderia se dar mediante uma espécie de reconhecimento da representação sensorial. [...] As emoções também acompanhariam certos processos intelectuais, dando origem aos chamados sentimentos intelectuais: os sentimentos lógicos, éticos, religiosos e estéticos [...] expressões superiores da consciência humana, eles se apresentariam ligados a conexões representacionais muito complexas e seriam capazes de exercer uma influência sobre a vida mental superior à de qualquer outro processo afetivo (Marcellos; Araujo, 2011, p. 322).

Franz Brentano, em Brito (2012), ao definir ato e correlato a partir de uma concepção aristotélica, já deixa ‘pegadas’ fenomenológicas na/para a Psicologia: para ele, ver, representar, querer, amar e negar são reais; e o não real seria aquilo que é visto, representado, querido, amado e negado. Com isso, o foco real (a realidade) não está nos objetos e sim na relação intencional – interação psíquica – que temos com eles. Tal fenômeno nos diz de “[...] o modo não real de existência do objeto imanente: Uma pessoa que está sendo pensada [...] é tão pouco real como uma pessoa que deixou de existir [...]. Mas, quando o ato da consciência (o pensar a pessoa) é efetivo, a pessoa que está sendo pensada (o correlato não-real da pessoa) coexiste [...]” (Brito, 2012, p. 103).

Por fim, Marcellos e Araujo (2011, p. 329) apresenta uma frase que sintetiza bem as relações entre a Psicologia e a Fenomenologia: “Sua noção de experiência unitária, abordável em suas características imediata e mediata, sob a qual se assenta a possibilidade de autonomia da psicologia e de superação de um dualismo mentecorpo, é fundamental para a compreensão de seu conceito de consciência”.

Para ilustrar a aplicação do método fenomenológico pela Psicologia me vali do longa-metragem *Gênio Indomável* (1997), por meio da análise do diálogo entre as personagens Will Hunting (paciente) e Sean Maguire (terapeuta) sobre como tentar entender quem somos. O longa-metragem trata da história de um rapaz “[...] com habilidades intelectuais excepcionais, mas que enfrenta dificuldades em lidar com suas emoções e traumas passados” (<https://www.psicanaliseclinica.com/genio-indomavel-filme/>).

De modo geral, o longa-metragem trata de questões psíquicas profundas, tais como: o modo que o nosso passado, enraizado em nosso inconsciente, nos impacta e direciona nossas vidas; a importância do autoconhecimento – incluindo um fato real: que esse processo é uma busca e, quase sempre, árdua e que requer esforço, disciplina e renúncias; a força do amor, em suas mais diferentes manifestações (a amizade, por exemplo) para o alcance desse processo.

No referido diálogo (*Gênio Indomável*, 1997), uma frase impactante dita pelo terapeuta Sean foi: “Acha que eu tenho condições de saber como foi sua vida, como você se sente, quem você é só porque eu li *Oliver Twist*?” (03min42seg - 03min50seg). O psiquiatra e psicólogo suíço, Carl Gustav Jung, proferiu uma frase de similar teor e que bem retrata o âmagdo do processo fenomenológico:

É necessário considerar cada pessoa realmente como pessoa [...] é por isto que digo aos jovens terapeutas: Aprendam o que há de melhor, conheçam o que há de melhor, mas se esqueçam de tudo, quando se acharem diante do paciente. Não há bom cirurgião só pelo fato de ter aprendido de cor o seu manual. [...] Falta-nos o contato com a natureza em seu estado puro, a natureza viva e palpitante (Jung, 2012b, p. 135 e 136).

Ou ainda, conforme ilustrado por Struchiner (2007, p. 242):

[...] compreender fenomenologia apenas explicitando seus conceitos básicos sem se dispor a mudar a forma de olhar o mundo, sem de fato praticá-la, seja tão difícil quanto conhecer o sabor de um bolo a partir das informações contidas na receita, a respeito dos seus ingredientes e da forma de misturá-los.

Para iniciar a busca por nós mesmos – tentar entender quem somos – se faz imperioso o confronto com um ‘eu’ que desconhecemos (e/ou que tenhamos varrido para ‘debaixo do tapete’ da inconsciência). Aprender a lidar com nossas sombras é um passo decisivo nessa jornada para o autoconhecimento. No diálogo, a personagem Will tem qualidades intelectivas acima da média, mas não consegue integrar à consciência seus conteúdos sombrios – que o atormentam, pois ele os projeta nas pessoas ao seu redor, por meio de escárnios, ofensas e atitudes rebeldes e ‘antissociais’. No entanto, segundo Souto e Neto (2020, p. 107), “[...] ainda que as experiências passadas possam influenciar a direcionalidade dos atos intencionais da consciência ao visar um objeto atual (pré-direcionalidade), tal influência se define pelo modo como a experiência atual acessa tal vivência passada [...]”.

E foi, justamente, isso que aconteceu com a personagem Will, retratado na cena dialogada com a personagem Sean: foi necessário um psicoterapeuta sensível às experiências humanas, cômico de si e de como se forja uma pessoa humana para, com a firmeza e a amabilidade de quem se importa, colocar o paciente diante dele mesmo: um espelho que projeta o interior profundo da psique inconsciente e que reflete a luz imanente do espírito que somos. A personagem Will, com suas atitudes socialmente reprováveis estava, subliminarmente, gritando por socorro; e quando encontrou alguém que tinha ‘olhos de ver e ouvidos de ouvir’ “[...] para além dos limites de sua própria teorização” (Coelho Júnior, 1998, p. 25), ela pode desnudar-se, psiquicamente, diante de si mesma: auto encontrar-se; conhecer-se interiormente. Dito de outra maneira, para Jung (2013g, p. 50), “Os fracassos [...] são experiências preciosíssimas, não só porque através deles se faz a abertura para uma verdade maior, mas também porque nos obrigam a repensar nossas concepções e métodos”.

Enfim, por meio do método fenomenológico nos é acessível uma análise psicológica do diálogo entre as personagens Sean e Will, psicoterapeuta e paciente (ou melhor, entre duas pessoas humanas com experiências distintas do vivido). Para além da cena do diálogo, o longa-metragem como um todo ilustra as correlações entre fenomenologia e psicanálise – “[...] fenomenologia que desce a seu próprio subsolo [...]” (Coelho Júnior, 1998, p. 13): uma Fenomenologia que alcança o inconsciente, tanto da pessoa humana (inconsciente pessoal/individual) quanto da humanidade (inconsciente coletivo).

O longa-metragem enfatiza, por meio da personagem Sean (referência de psicoterapeuta), que “[...] a psicanálise busca entender a experiência de cada ser humano com sua história, em seus primeiros contatos com o outro e com o mundo e na renovação destas experiências a cada nova situação de vida” (Coelho Júnior, 1998, p. 18).

Para finalizar deixo aqui uma frase de Carl Gustav Jung que reforça os laços entre a Fenomenologia e a Psicanálise, bem como o papel do analista enquanto um mediador da ‘dissecação’ de nossas camadas psíquicas profundas: “Lamento também que muitos percam a oportunidade de terem uma impressionante visão da profundidade e da beleza da alma humana, por passarem desatentos diante da psicanálise” (Jung, 2013a, p. 95).

Filosofia da mente: conceito e questões

A Filosofia da Mente pode ser entendida como uma seara filosófica cujas questões de relevância gravitam em torno das relações entre a mente e o corpo, tais como: a natureza da consciência e da mente (bem como dos fenômenos mentais); e suas relações com o mundo físico/material. Mas também a Filosofia da Mente se debruça nas experiências vividas dos nossos processos de compreensão do mundo.

Coelho (2020, p. 228) nos apresenta algumas questões nucleares que instigam os estudiosos da Filosofia da Mente: “[...] Qual o domínio do mental? O que é a consciência? Qual a natureza da intencionalidade? Como corpo e a mente se relacionam? É possível reduzir os estados mentais aos estados cerebrais? [...]”. Tais dúvidas fulcrais trazem consigo alguns problemas específicos, a destacar: a intencionalidade, a consciência, a ação, a pessoalidade, e a racionalidade (Miguens, 2006). Nesse sentido, e de modo a sintetizar, apresento os três problemas principais acerca da Filosofia da Mente – baseando-me em Teixeira (1994): as relações entre mente e cérebro; a natureza do pensamento e da consciência; e a identidade pessoal.

Os temas-problema, indicados no parágrafo anterior, são relevantes na atualidade, afinal tangenciam as searas psicológica (a consciência – e o inconsciente), espiritual (a independência da alma, isto é, do Espírito), filosófica, neurobiológica (as descobertas a respeito do cérebro e suas inúmeras possibilidades) e computacional (a inteligência artificial). Além disso, ainda se mantêm em interação permanente.

No entanto, me permitirei escolher um deles para explanar a respeito: a questão da identidade pessoal. Minha justificativa se dá porque a identidade pessoal é que nos confere a condição de pessoas humanas – que, inclusive, por conta disso, podemos analisar, refletir, indagar e aventar teorias e possibilidades quanto ao pensamento, à consciência (a autoconsciência), à mente e seus desdobramentos. A identidade pessoal nos confere a nossa subjetividade, isto é, aquilo que garante que eu sou. Ou, conforme Teixeira (1994, p. 15) – que citou o poeta Fernando Pessoa: “Se Deus é um só, por que haveria eu de ser tantos?”. Essa é uma verdadeira ode à individuação (Jung, 2013b) – processo pessoal, subjetivo portanto, de integração dos nossos conteúdos inconscientes mais profundos à consciência de modo a tornarmos-nos únicos, isto é, nós mesmos (integralmente, holisticamente) em meio à massificação global que nos assola nos tempos hodiernos.

A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um *processo de diferenciação* que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. É uma necessidade natural... (Jung, 2013b, p. 467).

Assim, a tomada de consciência, bem como a intencionalidade (dos nossos pensamentos, falas e ações), são as características definidoras da identidade pessoal: enquanto “[...] a intencionalidade delimita o domínio do mental” (Coelho, 2020, p. 232), podemos compreender a consciência “[...] como sentir-se ser, sentir-se sentir e pensar [...] acerca de outros estados mentais (sei que sinto, sei que quero, sei que penso, etc.)” (Miguens, 2006, p. 12). Os estados (ou não) de consciência seriam, portanto, “[...] algo a que não temos acesso directo mas que é causalmente responsável pelo que somos enquanto mentais” (Miguens, 2006, p. 11).

Com o exposto, reforço minha compreensão de identidade na expressão ‘identidade pessoal’: não me remeto àquilo que é idêntico, isto é, “[...] as coisas são idênticas no mesmo sentido em que são unas [...] de algum modo [...]” (Abbagnano, 2007, p. 528); mas o oposto, quer dizer, àquilo que nos distingue enquanto pessoa humana e Espírito (Kardec, 2021): seres únicos e irreplicáveis.

Filosofia da mente: estados mentais e Psicologia

Ser consciente. Ter consciência. Estar cômico. O que é isso afinal? Ao me valer dos recursos subsidiários da Filosofia da Mente, veem à tona os conceitos de consciência e intencionalidade – e suas conexões. Para Dennett (1998), a consciência (a nossa subjetividade) não é a base de tudo; pelo contrário, “[...] a base geral deste aspecto da realidade não é local mas inerente aos constituintes gerais do universo e às leis que os governam” (Miguens, 1999, p. 12). O percurso da conscientização – do tornarmos-nos conscientes – perpassa “[...] necessariamente pelo exterior e não está assegurado a priori [...]. Esta passagem pela exterioridade seria grandemente

responsável por aquilo a que chamamos consciência [...]” (Miguens, 1999, p. 13). A consciência se forja ‘de fora para dentro’, quer dizer, depende do outro (pessoas; sociedade; mundo) – e todas as formas de representatividade desses que nos chegam, pois ela é “[...] um fato *objetivo* sobre o mundo [...]” (Searle, 2002, p. 10).

Segundo Miguens (1999, p. 10), “[...] a consciência poderá advir (depois) onde há intencionalidade [...]”. Nesse sentido o que seria a intencionalidade? Canal (2010, p. 62) esclarece que:

A noção de Intencionalidade da mente é central [...] ela é o modo *como a mente funciona* e é a mais importante, crucial, *característica estrutural e global da consciência*, visto que é devido à propriedade da Intencionalidade intrínseca [...] que os seres humanos e outros animais conseguem estabelecer relações com o mundo real.

Assim, de acordo com Castañon (2006, p. 99), “Consciência é sempre consciência de algo, esse é o sentido de se dizer que a consciência é intencional”. A tomada de consciência, por meio da intencionalidade – dos nossos pensamentos, falas e ações – é característica definidora da identidade pessoal: enquanto “[...] a intencionalidade delimita o domínio do mental” (Coelho, 2020, p. 232), podemos compreender a consciência como “[...] um fenômeno interno, qualitativo, subjetivo e de primeira-pessoa [...]” (Canal, 2010, p. 100).

Dito isso, tomarei para análise o longa-metragem *Escritores da Liberdade* (2007), considerando os conceitos de consciência e processos cognitivos quanto ao julgamento e avaliação do outro, o papel da arte no processo de disseminar uma *doxa* e a produção de impacto na consciência e ação. O filme baseia-se em uma história real – tornada pública através do livro *The Freedom Writers Diaries*.¹ A história gira em torno da temática Educação e o seu poder, nefasto ou libertador, para se destruir ou reconstruir pessoas e sociedades. Em sentido especial, o trecho do filme que a professora recolhe o desenho caricato de um estudante e problematiza aquela postura preconceituosa comparando-a com o holocausto escancara os múltiplos julgamentos/avaliações, quase sempre perniciosos, dos outros e como tais rótulos passam a definir as pessoas – indivíduos e grupos sociais (negros; brancos; latinos; suburbanos; elite...) – em seu foro íntimo psíquico.

Para mim, essa cena fílmica destacada diz muito da forja da subjetividade ao longo da vida: “Nós nunca saberemos como outras pessoas sentem, e nunca teremos linguagem capaz de descrever adequadamente experiências subjetivas” (Castañon, 2006, p. 101). Daí termos de cuidar da nossa própria subjetividade, isto é, tornarmo-nos cômicos de nossos estados intencionais, pois cada um de nós pode ser responsável pela conformação mental dos outros – simbolicamente o desenho que a professora pegou em sala de aula retratando, pejorativamente, um dos estudantes: inicia assim e se pode chegar ao nível do holocausto (como os muitos que experienciamos nos dias atuais: os silenciamentos, as invisibilizações, os apagamentos das chamadas minorias, por exemplo).

¹ O *Diário dos Escritores da Liberdade*: como uma professora e 150 adolescentes usaram a escrita para mudar a si mesmos e o mundo ao seu redor. Publicado em 1999, de autoria de Erin Gruwell e o coletivo por ela criado, denominado *Freedom Writers*.

Escritores da Liberdade (2007) transborda o ‘estado mental social’ ao qual estamos imersos, em que, o tempo todo, somos rotulados e/ou rotulamos; somos apontados e/ou apontamos; somos segregados e/ou segregamos. Enfim, somos afetados pelos processos educacionais (oficiais e familiares) e pelas mídias (em especial as de massa); mas também afetamos os nossos próximos (e os nem tão próximos, com a globalização das redes sociais): caso tornemo-nos reprodutores inconscientes desses processos de ‘adestramento mental’; ou adquiramos um estado de consciência – via uma outra educação (desocidentalizante; contra colonial; complexa; dialética e dialógica; não linear) – que nos desperte para o nosso verdadeiro eu, bem como a conscientização a respeito do eu do outro. Castañon (2006, p. 101) ilustra bem essa minha análise:

A consciência é sempre consciência de algo, de duas formas estruturalmente distintas: ou representamos as coisas como acreditamos que elas são, e essas são nossas crenças, ou as representamos como gostaríamos ou temeríamos que elas fossem, e esses são nossos desejos (que usualmente chamamos de intenções, mas obviamente não são os nossos únicos estados intencionais) e medos.

Em suma, apresentarei uma citação de Castañon (2006, p. 108) que sintetiza a cena de *Escritores da Liberdade* (2007): “A centralidade da consciência para a compreensão do comportamento e dos processos cognitivos [...]”. O propósito da Educação, por intermédio das artes, da literatura, da música, do cinema, da corporalidade (dentre outras manifestações culturais), deve ser a forja dos processos cognitivos conscientes e das ações intencionais.

Retomando: a natureza dos estados mentais é uma dúvida seminal na Filosofia da Mente; e uma marca dos estados mentais é a consciência, ou as experiências conscientes (Coelho, 2020). Ser consciente, estar consciente, ter consciência de algo é quando “[...] sabemos o que estamos fazendo” (Teixeira, 1994, p. 11). Por outro lado, o consciente – cujo ego é o seu núcleo – está imerso na (faz parte da) inconsciência. Desse modo, “[...] aqueles que identificam psique com consciência tomam a parte pelo todo” (Jung, 2012a, p. 277).

O que quero dizer é que existe o tornarmo-nos conscientes – ter a consciência do que pensa, fala e age – mas, principalmente, tomar consciência de nossos conteúdos inconscientes, isto é, a tomada de consciência do Si-mesmo/*Self*. E esse, sem dúvida, é o maior desafio da pessoa humana, significando propriamente o que seja a mente humana. Assim, a consciência – em sua perspectiva mais integral e holística – é, pelo menos para mim, a marca mais profunda e indelével do estado mental humano: “[...] os humanos têm capacidades mentais que transcendem o que é computável [...]” (Miguens, 2006, p. 12). E isso é tema fundamental para os estudos da/na Filosofia da Mente, pois integra questões antiquíssimas (e até hoje amplamente debatidas), tais como as metafísicas, bem como os problemas mais atuais – como a inteligência artificial e a neurociência.

Continuando essa caminhada analítico-reflexiva, gostaria de apresentar a Filosofia da Mente enquanto um ‘inquérito impuro’. Inicialmente, importa compreender o significado da expressão ‘inquérito impuro’. Iniciei pelo substantivo masculino ‘inquérito’: “Ação ou efeito de inquirir, de fazer perguntas, de interrogar e investigar” (<https://www.dicio.com.br/inquerito/>). Como desdobramento, busquei o significado verbo ‘inquirir’: “Desenvolver ou realizar perguntas; [...] Fazer uma pesquisa ou recolher informações acerca de (alguma coisa); investigar [...]; interrogar [...]” (<https://www.dicio.com.br/inquirir/>). Quanto a ‘inquérito’, adotarei aqui o entendimento de um ato de questionar – no sentido de buscar compreender algo/alguém.

Na sequência, busquei entender a conotação do adjetivo ‘impuro’ que, conforme Miguens (1999, p. 3), “[...] significa aqui não apriorista [...]”. Buscando a significação de ‘apriorista’ encontrei: “Que raciocina a priori” (<https://www.dicio.com.br/apriorista/>). De conceituação similar tem-se o substantivo masculino ‘apriorismo’: “Doutrina que confere importância aos conhecimentos, conceitos ou pensamentos ‘a priori’; os que independem da experiência ou da prática” (<https://www.dicio.com.br/apriorismo/>). Quanto a ‘apriorista’, adotarei aqui o entendimento de um saber (ou conjunto de saberes) que não requer comprovação. Desse modo – e em sentido contrário – ‘não apriorista’ seria aquele ou aquilo que não confere importância aos conhecimentos, conceitos e pensamentos ‘a priori’. Dito de outro modo, ao não apriorista importa a experiência/prática – a empiria deve ser considerada.

Assim, chego à compreensão do que seria um ‘inquérito impuro’: um ato/ação de questionar (buscar compreender) considerando-se as experiências/práticas anteriores. A partir daqui posso explanar como a Filosofia da Mente pode ser considerada ‘inquérito impuro’.

Para Miguens (1999, p. 4), “[...] para haver mundo conhecido ou pensado tem que haver um observador [...]”, quer dizer, para adquirirmos conhecimentos/saberes se faz necessária a tomada de consciência a respeito de algo/alguém. Ou, conforme Castañon (2006, p. 99), “Consciência é sempre consciência de algo, esse é o sentido de se dizer que a consciência é intencional [...]”. Indo ao encontro dessas premissas, segundo Canal (2010, p. 81), “[...] não existe ação sem intenção, considerando que as ações são as condições de satisfação das intenções”, afinal:

[...] a consciência é necessariamente intencional por partir da relação básica constituída pelo par indissociável sujeito/objeto. Tal conceito de intencionalidade põe em destaque o movimento da consciência em direção ao objeto e, mais ainda, essa propriedade cumpre um caráter universal, fazendo-se presente no funcionamento psíquico do homem (Souto; Neto, 2020, p. 95).

O que isso tudo quer dizer é que para investigar a intencionalidade, a consciência, os estados mentais e as relações mente e corpo, a Filosofia da Mente não pode prescindir da subjetividade humana, isto é, “[...] a perspectiva de primeira pessoa, é algo central a compreensão que temos do mundo” (Coelho, 2020, p. 230). E aí que se

encontra essa tal ‘impureza’ proposta pelo filósofo norte-americano Daniel Dennett: *“My insistence on the need for philosophers to stoke up on the relevant science before holding forth, and my refusal to conduct my investigations by the traditional method of definition and formal argument, have made me a distinctly impure philosopher of mind”*² (Dennett, 1998, p. 366). Conforme atesta Miguens (1999, p. 4),

Numa primeira acepção “inquerito impuro” nomeia assim a necessidade de uma investigação teórica dos problemas da mente que seja empírica e não apenas conceptual. Esta é uma necessidade, em concreto, de filósofos que trabalham em ciência e não apenas em filosofia [...].

Para Dennett (1998), o filósofo da mente necessita conhecer ‘a máquina da mente’, ou seja, o cérebro, afinal, “[...] não há o pensamento não fisicalizado, sem os atritos e impureza em que essa fisicalização redunde” (Miguens, 1999, p. 8). Dito de outro modo,

[...] o eu penso dá-se-me como não um eu abstracto que penso, mas como eu-(este)-que penso. [...] todo o *self*, tem que saber que coisa no mundo ele é e sabê-lo-á não por uma intuição cartesiana mas porque “ser um *self* é precisamente “ser um isto que controlo e de que cuido”. Obviamente este saber não é nem todo ele consciente nem totalmente explicitável. É um saber que tem que estar continuamente efectuado, não por nós mas pelo corpo (Miguens, 1999, p. 20).

Em suma, a Filosofia da Mente pode ser considerada um ‘inquerito impuro’, pois a busca pela compreensão da mente humana requer o conhecimento do humano – sua consciência, seus estados mentais, suas intencionalidades; mas também o seu corpo biológico, anatômico, fisiológico e neuronal, afinal é pelo corpo que a mente se manifesta; e a compreensão consciencial de tais manifestações é que dão sentido a elas próprias. Enfim, a compreensão do Universo, da Natureza e do mundo – nas mais diversas perspectivas (cultural, política, social, espiritual...) – depende da nossa compreensão a respeito de nós mesmos (incluindo a nossa mente) e do nosso nível de consciência (ou não) ante a todos esses processos de pensamentos, análises e reflexões. São muitas as imbricações e encruzilhadas – psíquicas, epistêmicas, científicas e filosóficas – portanto, nada há de pureza nesse processo. Efetivamente, a Filosofia da mente pode sim ser considerada um processo de inquerito impuro.

² Tradução livre: “Minha insistência na necessidade de os filósofos se aprofundarem na ciência relevante antes de se manifestarem, e minha recusa em conduzir minhas investigações pelo método tradicional de definição e argumentação formal, fizeram de mim um filósofo da mente distintamente impuro”.



PARTE

2

PSICANÁLISE: TEORIA, MÉTODO E *IN SITU*

Nos três capítulos que constituem esta segunda parte será possível apreender a teoria e o método psicanalíticos e como a Psicanálise se situa na prática clínica, relacionando-se, inclusive, com outras vertentes psicoterapêuticas e searas científicas.



CAPÍTULO 3. TEORIA PSICANALÍTICA

O objetivo deste capítulo foi apresentar as bases conceituais da Psicanálise, bem como seus processos fundamentais. Além disso, elegi outras abordagens teóricas e metodológicas de psicoterapia – a Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, e a Logoterapia, de Viktor Emil Frankl – para fins de comparação com a Psicanálise, de Sigmund Freud. O propósito foi ampliar a compreensão das múltiplas possibilidades (e suas possíveis e, muitas vezes necessárias, interações) de um entendimento profundo e integral dos processos psicanalíticos, isto é, da “[...]”teoria da alma” ou da psique” (Reina, A., 2022b, p. 5).

Psicanálise: definição e gênese

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 91 e 92), “O termo psicanálise é usado para referir-se a uma teoria, a um método de investigação e a uma prática profissional”. Partindo dessa premissa, a prática profissional seria o exercício terapêutico da análise das condições sociais e emocionais de uma pessoa; tal processo analítico se dá conforme o método interpretativo de investigação – dos sonhos, por exemplo – além do método catártico, via hipnose, que procura expurgar conteúdos represados no inconsciente; e as possíveis interpretações significantes baseiam-se em um corpo teórico desenvolvido, de modo amplo e profundo, por Freud.

Para fins de registro histórico, podemos considerar Sigmund Freud como o pioneiro da Psicanálise e o ano de 1900 sendo marcado como seu ponto de partida, quando o médico e psicanalista austríaco “[...] publica sua primeira obra considerada psicanalítica *A interpretação dos sonhos* [...]” (Carlson, 2011, p. 1). Ainda respondendo ao ‘o que é a Psicanálise’ e também já respondendo a ‘qual é o seu principal objetivo’, Padovan e Darriba (2016, p. 105), nos apresenta que estariam “[...] definidas na ata de fundação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) as duas vicissitudes dessa nova ciência, entendida como: “psicologia pura” e “em sua aplicação à medicina e às humanidades” [...]”. A partir dessa definição ‘oficial’ nos é possível perceber o caráter teórico (psicologia pura), bem como a vertente da prática investigativa visando a saúde – orgânica e mental (aplicação médica e humana/humanizada).

Sendo assim, o principal objetivo da Psicanálise é o autoconhecimento, isto é, promover/auxiliar/suportar as possibilidades de o paciente encontrar a si mesmo a partir de suas questões/problemas psíquicos. Jorge (2000, p. 13) elucida que “[...] a psicanálise [...] é o único discurso que coloca o *saber no lugar da verdade*, isto é, que trata do saber sobre a singularidade subjetiva em seu estado nascente, no próprio ato da palavra falada”.

Partindo do que seja a Psicanálise e o seu principal objetivo – auxiliar a busca de si mesmo – tem-se a primeira relação histórica entre essa forma terapêutica e um acometimento psíquico: qual a relação entre a histeria e a Psicanálise?

A histeria é uma doença/patologia que apresenta características graves na estrutura/padrão da personalidade (Nápoli, 2021a). Nesse sentido, alterações na/da personalidade – portanto, psíquicas – gerariam sintomas patológicos histéricos (no caso, comportamentais e orgânicos). Por isso mesmo que Bocca (2011, p. 885) relata que “[...] a histeria apresenta em definitivo duplo aspecto, físico e psíquico, em sua sintomatologia”. Portanto, a histeria, segundo a Psicanálise:

[...] é uma neurose caracterizada por quadros clínicos variados. Sua originalidade reside no fato de que os conflitos psíquicos inconscientes se exprimem [...] sob a forma de simbolizações, através de sintomas corporais paroxísticos (ataques ou convulsões de aparência epilética) ou duradouros (paralisias, contraturas, cegueira) (Roudinesco; Plon, 1998, p. 337).

A palavra histeria tem origem grega (ὑστέρα), significando útero. Segundo Nápoli (2021a), no século XIX se entendia que a histeria era uma patologia do feminino – daí a escolha do nome do acometimento diretamente relacionado às mulheres (útero). Cabe contextualizar que “Freud viveu em uma sociedade patriarcal, burguesa capitalista, em que a mulher era muito oprimida” (Carlioni, 2011, p. 2). Todas as formas de opressão – silenciamento, invisibilização, objetificação, sexualização, agressões físicas e verbais, estupro – explicam porque as mulheres sempre foram mais diagnosticadas com histeria.

Tal situação de traumas sexuais, orgânicos e psíquicos geram, obviamente, perturbações de várias ordens, denominadas por afetos ou carga afetiva – “[...] a noção de afeto comporta uma dimensão energética e outra moral ou emocional que aparecem frequentemente alternadas” (Bocca, 2011, p. 888). Para Jung (2013a, p. 20), “[...] os afetos desempenham um papel etilogicamente determinante no aparecimento de sintomas histéricos [...]”. Essa carga energética, afetiva (que afeta), justamente por gerar trauma, causar danos, não é ‘metabolizada’ psiquicamente (Nápoli, 2021b); daí, aquela energia fica represada/reprimida/recalcada, no inconsciente – um mecanismo de defesa do Ego. E é aqui, nesse ponto, que passamos a compreender a relação da histeria com o surgimento da Psicanálise.

Basicamente, foi por conta da alta taxa de prevalência de histeria (em mulheres) que Jean-Martin Charcot, Pierre Janet, Sigmund Freud e Josef Breuer – os precursores da Psicanálise – começaram a investigar os mecanismos da histeria, bem como as possibilidades de intervenção/tratamento, tais como a hipnose como método catártico (catarse, do grego κάθαρσις, significando purificação; purgar/limpar as impurezas psíquicas). De acordo com Nápoli (2021a), o sintoma surge em resposta a um determinado conflito. Então, a partir do sintoma (efeito) se chega ao conflito (causa) recalcado (inconscientizado). Em linhas gerais, os sintomas psíquicos da histeria seriam motivados por um desequilíbrio causado pelo conflito psíquico entre o desejo (energia psíquica, libidinal, desviada anormalmente por conta do episódio traumático) e o Ego: normalmente reprimimos/recalcamos o desejo, em favor do Ego, surgindo daí o(s) sintoma(s) histérico(s).

A Psicanálise surge como alternativa para o tratamento da histeria, pois ela tem como sua função primordial o auxílio ao sujeito histérico a se autoencontrar, isto é, por ele mesmo tomar consciência retroativa do fato traumático (conteúdo afetivo, libidinal/energético reprimido) buscando, segundo *Didatics* (2017), preservar e/ou recuperar o equilíbrio interno. Se, conforme nos diz Jorge (2000, p. 17), “[...] o inconsciente é a verdadeira doença mental do homem” – homem aqui significando a pessoa humana, em geral – é nele (o inconsciente), também, que se encontra a cura. Ainda, para Jorge (2000, p. 24), cabe à Psicanálise “[...] a emergência da verdade de um saber Outro, o inconsciente”.

Estruturas psicanalíticas, chistes e atos falhos

As três estruturas psicanalíticas – neurose, psicose e perversão – são “[...] mecanismos psíquicos específicos, que manifestam diferentes soluções [...]” (Miele, 2012, p. 91) possíveis ante a vida, afinal, conforme sinalizam Freud e Lacan, nossa relação com o mundo se dá pela insuficiência, pela existência da falta (Nápoli, 2017). Para a explicação de cada uma das estruturas me baseei em Nápoli (2017).

Na neurose, a pessoa reconhece a existência da falta/perda e reconhece essa incompletude como impotência. Assim, ela alimenta a esperança de alcançar o desejável, a plenitude, a felicidade (aquilo que lhe falta). E a psicanálise tem por princípio fazer com que ela passe a enxergar que essa perda/insuficiência é da ordem da impossibilidade, que não depende dela – portanto, ela não é incapaz.

Na perversão, a pessoa também reconhece a existência da perda/falta, mas ‘descobriu o segredo’ para se alcançar a satisfação plena: projetá-la, inconscientemente, em algo ou alguém – objeto de fetiche (que não deixa de ser uma negação dessa falta). Por isso o perverso não busca a psicanálise.

Na psicose, a pessoa não sabe da existência da falta/insuficiência de algo; portanto, ela permanece presa/fixa a uma etapa anterior ao reconhecimento da falta/impossibilidade. Daí o psicótico apresentar as manifestações delirantes, as alucinações, dentre outras.

Em síntese, “[...] enquanto a neurose [bem como a perversão – **grifo meu**] “não denega a realidade”, mas simplesmente “a ignora”, a psicose “a denega e tenta substituí-la” (Miele, 2012, p. 94).

Já em relação aos atos falhos e os chistes, cabe esclarecer que eles são fatos psíquicos, isto é, “[...] não são casuais, mas determinados por razões inconscientes” (Aires, 2017, p. 26). Para Freud os atos falhos podem ser da ordem: dos lapsos – verbal, de leitura, de audição e de memória; do extravio e da perda de objetos; dos equívocos (Aires, 2017).

Normalmente, os atos falhos são temporários, comumente presentes no cotidiano e, por isso mesmo, têm pouco valor/atenção atribuído. Dos tipos de atos falhos já elencados, “O lapso verbal será considerado por Freud como o mais apropriado para investigação, pois, ao enunciar algo distinto do que intencionava, o que cada sujeito encontra é perplexidade ou irritação” (Aires, 2017, p. 28). Em verdade, para a clínica psicanalítica “[...] não se trata do ato falho, em si, como objeto direto de estudo, mas da intencionalidade do falante diante do fenômeno; intencionalidade desconhecida à atenção consciente, mas suposta em um recurso à noção de inconsciente” (Aires, 2017, p. 28).

De acordo com Rabuske (2011, p. 1), “A palavra *chiste* [...] significa “gracejo”, e é encontrada na obra de Freud, que o define como uma espécie de válvula de escape de nosso inconsciente, utilizado para dizer, em tom de brincadeira, aquilo que verdadeiramente se deseja”. Ribeiro (2008, p. 106) reitera dizendo que “O chiste é construído por uma idéia recalcada no Inconsciente que, sob certa pressão, força passagem surgindo pronto na Consciência. É uma formação do inconsciente, assim como os sonhos, os atos falhos e os sintomas”. Os chistes relacionam-se psiquicamente com a linguagem, pois com “[...] suas deformações [da linguagem – **grifo meu**] e possibilidade de descarga afetiva da agressividade [...]” (Aires, 2017, p. 29).

Psicanálise e Psicologia Analítica

A Psicanálise foi elaborada por Sigmund Freud, porém, ao longo do século XX, inúmeras outras abordagens psicanalíticas e/ou psicoterapêuticas foram propostas por diferentes estudiosos da mente e psique humanas. Um deles fora o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, o proponente da “[...] *psicologia analítica*, distinguindo-se assim da *psicanálise* de Freud” (Silveira, 2025, p. 47). Sendo assim, neste tópico, apresentarei as diferenças fundamentais entre as teorias junguiana e freudiana. Optei por descrever tais diferenças por meio de itens temáticos, a seguir numerados.

1. Quanto ao método de intervenção. Segundo Bertrand (2021), “Jung não desejava ficar atrás de um divã esperando o núcleo afetivo do complexo se manifestar, reconhecendo ser mais rico e efetivo olhar para esse paciente no olho a olho e interagir” (p. 5). “O divã, em Jung, é substituído pelas poltronas, onde paciente e terapeuta ficam frente a frente” (p. 14). Para Ramos (2005, p. 166), Freud fazia “uso da associação livre, interpretação de sonhos, valorização da relação transferencial e do diálogo através da utilização do divã”. Já Jung fazia “uso da associação livre e da imaginação ativa, interpretação de sonhos, produção de desenhos, valorização da relação transferencial e do diálogo face a face”.

2. Postura profissional. Conforme Bertrand (2021, p. 15),

Dentro da psicanálise de Freud, na relação, o terapeuta deve manter-se o mais neutro possível e pode ou não ocorrer a projeção. O terapeuta se mantém “ausente” enquanto participante do processo para que o paciente projete sobre ele e haja a possibilidade de percepção dos elementos que constituem as causas dos sintomas. No processo analítico de Jung, a relação entre paciente e terapeuta é um dos elementos muito importantes, pois a interação entre conscientes e inconscientes geram infinitas possibilidades simbólicas, demandas de ambos que pretendem, além de resolver qualquer sintoma, alcançar níveis de consciência e realização mais elevados.

3. Sentido da vida. De acordo com Bertrand (2021, p. 5), “Para Freud o sentido da vida é aquisição de conhecimento em busca da perfeição, enquanto que para Jung, é a realização do si mesmo que traz um sentimento de plenitude que leva à transcendência, apesar das imperfeições humanas”.

4. Concepção de inconsciente. Bertrand (2021) relata que “Para Freud o inconsciente é basicamente composto por aspectos de repressão” (p. 7) e “Para Jung a humanidade tem no inconsciente coletivo toda estrutura de conhecimentos” (p. 7).

5. Origem do inconsciente. Para Freud, “O inconsciente surge *a posteriori* ao nascimento [...] sendo um mero depósito de recalques, de desejos sexuais (pulsões)”. Para Jung, “O inconsciente pessoal surge *a posteriori* ao nascimento como resultado das experiências de vida do indivíduo [...]” (Ramos, 2005, p. 114).

6. Relação entre Ego e inconsciente. Conforme Ramos (2005, p. 115),

Para Freud [...] o *ego* (núcleo da consciência) não pode modificar a natureza do inconsciente. Para Jung [...] há uma relação dialética (de “trocas” de energia psíquica - libido) entre o *eu* (núcleo do consciente) e o inconsciente, dada pelo *processo de individuação* (busca da vivência do “*si mesmo*”), em que ambos se transformam, possibilitando que o indivíduo vivencie um estado de “totalidade” psíquica.

7. A constituição da psique. Bertrand (2021, p. 7) relata que “Freud divide a psique em inconsciente, pré-consciente e o consciente, enquanto para Jung existe o consciente (ego), o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo”. Diferente de Freud – que compreende a consciência, em especial o Ego, como a estrutura mais importante da psique – para Jung o inconsciente, especialmente o inconsciente coletivo, é o núcleo mais importante da psique (*Didatics*, 2018).

8. Origem da doença psíquica. Para Freud, “a doença psíquica tem sua origem em traumas sexuais sofridos na infância”. Já para Jung, “a doença psíquica tem sua origem numa exacerbada dissociação entre elementos do consciente e do inconsciente (contradições internas experienciadas pelo sujeito) que impede a vivência da totalidade psíquica (essa dissociação pode ou não ter um fundamento de natureza sexual)” (Ramos, 2005, p. 116).

9. A libido. Para Bertrand (2021, p. 8), “A questão da libido para Freud era tratada com base sexual [...]. Jung, ao contrário, dizia que a libido é energia psíquica total e que o aspecto sexual era uma das facetas desta força poderosa na psique humana”. Já em conformidade com Ramos (2005, p. 115),

Freud conceitua a *libido* como energia psíquica (que movimenta o psiquismo humano) de natureza unicamente sexual. Jung conceitua a *libido* como energia psíquica (energia vital) que inclui não apenas a sexualidade, mas, também, outros elementos: instintos de sobrevivência (sede, fome, agressividade, necessidade de proteção física, etc.), a busca de relações afetivas e sociais, do desenvolvimento pessoal, do conhecimento de si mesmo e da experiência numinosa.

10. Os sonhos. Segundo Bertrand (2021, p. 11),

[...] Freud [...] diz: “A interpretação dos sonhos é a vida real que leva ao conhecimento das atividades inconscientes da mente” [...]. Para Jung os [...] “Sonhos são realizações de desejos ocultos e são ferramentas que buscam equilíbrio pela compensação. É o meio de comunicação do inconsciente com o consciente”.

E, de acordo com Ramos (2005, p. 117), para Freud, “[...] o sonho é um mecanismo psíquico de expressão encoberta das pulsões (desejos sexuais) e de sua gratificação parcial. [...] para Freud, o conteúdo simbólico do sonho mascara o que ele quer realmente “dizer” (a expressão das pulsões, dos desejos sexuais)”. Já para Jung,

[...] o sonho é um mecanismo psíquico que revela um “mapa” do desenvolvimento da personalidade na busca (consciente ou inconsciente) da vivência do *si mesmo* (*processo de individuação*). Não esconde o que quer “dizer”. Muito pelo contrário, expressa realmente o que quer expressar, porém, através de símbolos (Ramos, 2005, p. 117).

11. O símbolo (a função simbólica). Bertrand (2021, p. 13) relata que

Para Freud e Jung as ideias sobre símbolo eram diferentes. Para o primeiro, os símbolos mascaravam a verdade, basicamente representada pela sexualidade e pelo complexo de Édipo. O segundo acredita que o símbolo é infinito em possibilidades e não mascara, mas elucida.

12. Religiosidade. Segundo Ramos (2005, p. 117 e 118),

Freud fundamenta a Psicanálise a partir de uma filosofia positivista, que toma como legítima apenas as ciências cartesianas, “objetivas”. Assim, não há espaço para a vivência da religiosidade na Psicanálise. A concepção de *Deus* para Freud é associada à procura pelo indivíduo da figura do “pai protetor da infância” [...]. Jung considera importante para a saúde psíquica a vivência da religiosidade (entendida como *numinosidade*) [...]. Nas suas obras científicas Jung nunca fala de *Deus*, mas da *imagem de Deus na alma*. [...] Jung nunca procurou provar a existência objetiva de *Deus*, mas demonstrou que no plano da subjetividade a vivência do *numinoso* é possível e constitui um fator fundamental para a saúde psíquica.

Apesar de todas essas divergências apresentadas, Byington (1975) e Guerra (2017) apresentam um paradoxo, isto é, que as ideias de Freud e Jung funcionariam como opostos complementares. Corroborando nesse sentido, Bertrand (2021) elucida que “Enquanto Freud dá atenção à infância e aos processos patológicos, Jung olha para a autorrealização, para a maturidade” (p. 16). Dito de outro modo, pelo mesmo autor: “Enquanto Freud deu muita importância à formação do Ego na infância, Jung dedicou-se mais ao desenvolvimento da personalidade na vida adulta, enfatizando sobretudo o processo de individuação na segunda metade da vida” (p. 17).

Psicanálise e Logoterapia

Uma outra abordagem psicoterapêutica e, portanto, analítica, foi a elaborada pelo psiquiatra vienense Viktor Emil Frankl: a Logoterapia. Sendo assim, neste tópico, apresentarei, brevemente, o autor da Logoterapia, seus principais conceitos psicanalíticos e as diferenças/divergências fundamentais entre as abordagens frankliana e freudiana. Esses pontos estão a seguir numerados.

1. Breve biografia do autor. Viktor Emil Frankl, austríaco de Viena, encarnou no ano 1905 e desencarnou no ano 1997, contando 92 anos de idade. Em fins da década de 1920 e início dos anos 1930 formou-se em medicina, especializando em psiquiatria e neurologia. Porém, durante o regime nazista, “Ele e sua família foram deportados para campos de concentração, onde ele experimentou as piores mazelas da humanidade” (<https://vozesvisionarias.com.br/biografia-viktor-frankl/>):

Prisioneiro durante longo tempo em campos de concentração “[...] prisioneiro No 119104” (Frankl, 1987, p. 10) – **grifo meu**, onde seres humanos eram tratados de modo pior do que se fossem animais ele se viu reduzido aos limites entre o ser e o não-ser. O pai, a mãe, o irmão e a esposa de Viktor Frankl morreram em campos de concentração ou em crematórios [...]. Como foi que ele – tendo perdido tudo o que era seu, com todos os seus valores destruídos, sofrendo de fome, do frio e da brutalidade, esperando a cada momento a sua exterminação final – conseguiu encarar a vida como algo que valia a pena preservar? (Allport, 1987, p. 8).

O próprio Viktor Frankl nos ofertou a resposta a essa pergunta, assim descrita por Allport (1987, p. 10 e 11):

No campo de concentração todas as circunstâncias conspiram para fazer o prisioneiro perder seu controle. Todos os objetivos comuns da vida estão desfeitos. A única coisa que sobrou é “a última liberdade humana” – a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias.

Assim, por meio do viver, presencialmente, o comportamento humano em condições extremas, Viktor Frankl desenvolveu a Logoterapia, uma abordagem da “[...] terapia por meio do *logos*, ou seja, do sentido [...]” (Frankl, 1978, p. 30); ou, conforme Roudinesco e Plon (1998, p. 19), uma “[...] terapia pela vontade de sentido [...]”. E ele mesmo – com sua própria experiência de vida – foi o seu principal ‘laboratório de pesquisa’, pois após o fim da Segunda Grande Guerra ocidental ele

manteve-se no seu propósito de vida e atingiu o apogeu profissional, a exemplo: “Em 1948, obtém seu doutorado em filosofia [...]. Em 1955, torna-se professor [...] da Universidade de Viena. Em 1970, em San Diego, Califórnia [...] é fundado o primeiro instituto de logoterapia do mundo” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor_Frankl).

2. Principais conceitos desenvolvidos no campo da psicanálise.

Durante seus anos na universidade, Frankl foi influenciado por diversos pensadores. A obra de Sigmund Freud, com seu enfoque no inconsciente, bem como a filosofia de Friedrich Nietzsche, que enfatizava a vontade de poder e a busca por sentido, deixaram uma marca profunda em sua formação (<https://vozesvisionarias.com.br/biografia-viktor-frankl/>).

No entanto, com o passar do tempo – significando aqui a aquisição de conhecimentos pelos estudos – Frankl foi se distanciando epistemologicamente de suas primeiras referências: Sigmund Freud e Alfred Adler. Segundo Pereira (2007, p. 126), “[...] Frankl considerava que tanto o princípio do prazer de Sigmund Freud quanto o *status drive* de Alfred Adler falham justamente quando oferecem um ponto de vista análogo ao do funcionamento homeostático da redução de tensões em favor da restauração de um equilíbrio interno”.

Daí tem-se um primeiro conceito desenvolvido por Frankl – a Logoterapia: “[...] é, de fato, uma psicoterapia centrada no sentido” (Frankl, 1987, p. 125). Por isso mesmo que, segundo o próprio Viktor Frankl, “[...] análise existencial e logoterapia são, na verdade, a mesma coisa [...]” (Frankl, 1991, p. 61).

Contido na definição de Logoterapia temos outro conceito: sentido. E dele advém a vontade de sentido: uma ‘força’ interior, encontrada espontaneamente pela própria pessoa e que a orienta (no sentido de ter encontrado uma razão) para ser feliz. E é, justamente, essa razão/motivo para ser feliz que garante a própria felicidade. Dito de outro modo, a felicidade não é um determinado ‘fim’ (algo ou alguém), mas ter um propósito na vida e segui-lo fielmente. Conforme Frankl (1987, p. 126),

A busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida [...]. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido somente por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido.

Desse conceito desdobra outro: a transcendência – que, para Frankl (1991, p. 62), seria:

Uma característica da existência humana [...]. E o homem transcende não só o meio ambiente em direção a um mundo [...] mas também o seu ser em direção a um dever. Porém, sempre que o homem excede a si mesmo dessa maneira, ele se eleva acima do seu próprio psicofísico, deixa o nível do somático e do psíquico e penetra no espaço do verdadeiramente humano, que é constituído por uma nova dimensão, a dimensão noética, do espiritual; pois nem o somático, nem o psíquico formam sozinhos o verdadeiramente humano.

Com isso, estamos dizendo a respeito da autotranscendência, isto é, sermos para além de nós mesmos, despojarmo-nos de nossa individualidade para termos um propósito de felicidade. E, de acordo com Frankl (1991, p. 18),

[...] o homem só se torna homem e só é completamente ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si mesmo no serviço a uma causa ou no amor a uma outra pessoa. É como o olho, que só pode cumprir a sua função de ver o mundo enquanto ele não vê a si próprio.

Para Frankl, a humanidade tem de avançar da dicotomia êxito ou fracasso, afinal, se pode ter satisfação mesmo em um contexto de insucesso (por se ter um sentido de vida – que vai além da recompensa); bem como podemos nos encontrar em uma situação de desespero mesmo em um contexto de sucesso (por não se ter um sentido de vida – para além da recompensa). Nesse sentido, Viktor Frankl denunciou o que eu considero a pandemia do século XX (e que infelizmente adentrou o século XXI): o vazio existencial.

O vazio existencial é [...] compreensível; pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história, o homem foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo) (Frankl, 1987, p. 132).

A filosofia logoterápica frankliana no lega que “[...] o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique [...]. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma - dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa - mais humana será e mais se realizará” (Frankl, 1987, p. 136). E, portanto, o sentido da vida seria um quinto conceito desenvolvido por Viktor Frankl no campo psicanalítico: “[...] o sujeito só se singulariza na medida em que cumpre sua orientação ontológica para tornar significativa a própria vida” (Pereira, 2007, p. 134).

Enfim, existem outros conceitos (são 18 os apresentados e explicados em Frankl, 1987), mas os cinco até aqui explicitados são os que considero mais fundamentais e basilares para a compreensão da Logoterapia – uma verdadeira “[...] “revolução copernicana” na psicologia: uma idéia de ser humano marcado pela autotranscendência se confunde com um ideal de dever-ser que não se esgota em leituras psicológicas que fundem o ser humano no prazer ou no poder” (Pereira, 2007, p. 134).

3. Diferenças ou divergências com relação à teoria freudiana. No início da sua vida acadêmica, “Nos seus 16 anos, sendo ainda estudante de Colégio, este homem polifacético carteava-se com Sigmund Freud: enviou-lhe um ensaio [...] e teve a grande surpresa de o ver publicado pelo Mestre no seu *Journal international de Psycchanalyse*” (Frankl, 2016, p. 9). Por isso mesmo,

É impossível evitar a comparação entre os enfoques terapêutico e teórico de Frankl e o trabalho do seu predecessor, Sigmund Freud. Os dois se preocuparam basicamente com a natureza e a cura das neuroses. Freud encontra a raiz destas desordens angustiantes na ansiedade causada por motivos inconscientes e conflitantes. Frankl distingue várias formas de neurose e atribui algumas delas (as neuroses orgânicas) à incapacidade de encontrar um significado e um sentido de responsabilidade em sua existência. Freud acentua as frustrações da vida sexual; Frankl, a frustração do desejo de sentido e significado (Allport, 1987, p. 9).

Assim, em uma temporalidade igualmente breve, houve um afastamento epistemológico quase, diria eu, obrigatório entre Viktor Frankl e Sigmund Freud. Em suma, Frankl (1990, p. 31), aponta que

[...] Freud cultuou em demasia o naturalismo de sua época. Vale dizer, via ele no homem, em última análise, apenas um ser da natureza, o que não permitia vislumbrasse a natureza espiritual do homem. É certo que o homem também possui impulsos. Mas aquilo que é próprio de cada ser humano, a singularidade, de modo algum pode ser mero joguete desses impulsos.

Esse exposto nos diz que “[...] a logoterapia não é nenhum substituto da psicoterapia; e, no entanto, bem pode contribuir para a sua reumanização” (Frankl, 2016, p. 406). Nesse sentido, acerca de teorias, métodos e técnicas de uma ou outra referência psicanalítica (Freud, Winnicott, Klein, Bion, dentre outros), a Logoterapia pode direcionar a atenção para o sentido existencial da pessoa humana. O próprio criador da Logoterapia nos assevera que:

[...] contra a neurose noogênica – falava-se agora mesmo em dar sentido. Na verdade, não é de forma nenhuma possível dar sentido, e menos ainda pode dá-lo o terapeuta – dar um sentido à vida do paciente ou entregar ao paciente esse sentido. Pelo contrário, o sentido precisa ser encontrado, e ele só pode ser encontrado pela própria pessoa. Esse processo é realizado pela própria consciência (Frankl, 1991, p. 27).

Para finalizar, a Logoterapia constitui uma abordagem psicoterapêutica que

[...] se baseia em uma premissa central: a busca pelo sentido da vida. Frankl acreditava que esta busca é uma motivação primária do ser humano, um conceito que ele chamou de ‘vontade de sentido’. Este princípio distingue a logoterapia de outras escolas de psicoterapia, como a psicanálise de Sigmund Freud ou a psicologia analítica de Carl Jung, que, embora importantes, focam mais na busca do prazer ou da autorrealização como forças motivacionais principais (<https://vozesvisionarias.com.br/biografia-viktor-frankl/>).



CAPÍTULO 4. MÉTODO PSICANALÍTICO

O objetivo deste capítulo foi tratar dos processos formativos de um psicanalista, bem como da prática clínica psicanalítica, em especial questões centrais, como o silêncio, a escuta, a associação livre, os traumas e as transferências. Método é caminho, ponte, no sentido de via transitória de travessia, passagem; nesse sentido, conforme Reina, A. (2022a, p. 17), o método psicanalítico tem por propósito compreender como “[...] as doenças psíquicas geram estados que influenciam no modo de sentir, de pensar e de interpretar a realidade [...]” e assim, consequentemente, “[...] o tratamento (análise psicanalítica) como uma forma do indivíduo promover autoconhecimento [...] melhorando sua qualidade de vida no enfrentamento dos problemas diários [...]”.

A formação em Psicanálise: um processo contínuo

A formação de um psicanalista perpassa, necessariamente, “[...] pelo tripé formação teórica, análise pessoal e supervisão clínica [...]” (Bernardes, 2019, p. 111). A formação teórica se refere aos conceitos teóricos e métodos de investigação psicanalíticos – que devem ser buscadas certificações por meio de cursos de “[...] Especialização Lato Sensu em teoria psicanalítica” (Rufino, 2016, p. 5), ofertados por (ou em parceria com as) sociedades psicanalíticas. No entanto, segundo Bernardes (2019), Dunker (2017), Nasio (2003) e Oliveira e Neves (2013), o fundamental para a forja de um psicanalista é a análise pessoal, isto é,

Nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes (Freud, 1969, p. 130).

A análise pessoal, de modo contínuo, possibilita um autoconhecimento, que gera a tomada de consciência de um não saber – quer dizer, se colocar em uma posição de estar aberto/disponível/acessível ao outro – propiciando um despertar consciencial, uma espécie de esvaziamento de si para o novo do outro, sem pré juízos de valores morais (Bernardes, 2019; Dunker, 2016a). Por fim, a supervisão clínica é uma oportunidade de discussão de casos com colegas, tendo a supervisão de outro

mais experiente. Tal momento é decisivo para com dois postulados imprescindíveis à psicanálise: “A categoria do sujeito é ética e não técnica” e “[...] tratar cada caso como sendo único, e ainda, como se fosse o primeiro” (Oliveira; Neves, 2013, p. 97).

O aperfeiçoamento de um psicanalista se dá, sobremaneira, pelo processo permanente da análise pessoal, bem como pela atualização constante: aprender, cada vez mais, a escutar; aprimorar a capacidade de observação; e adquirir a condição de ter o inconsciente ‘a seu favor’ (Nasio, 2003).

Por fim, uma pessoa ‘se’ autoriza como um psicanalista quando ela cumpre esses três critérios descritos (formação teórica, análise pessoal e supervisão clínica), estando em conformidade com a legislação vigente – Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho e Emprego (Rufino, 2016). Cabe lembrar que “A ocupação psicanalista não é uma especialização, é uma formação [...]” (p. 2) e não se enquadra como profissão, mas ocupação, não sendo necessária formação superior e nem vínculo trabalhista. Ainda conforme a legislação citada, ao concluir sua formação, o analista deve: (i) registrar seu certificado em cartório de títulos e documentos; (ii) cadastrar-se junto à prefeitura local; (iii) e vincular-se a uma sociedade psicanalítica (Rufino, 2016).

Porém, acima de todos os trâmites e conteúdos teóricos, a autorização se dá no “[...] aprender tratando ou tratar aprendendo” (Bernardes, 2019, p. 115), isto é, no exercício da escuta analítica do outro – e, sobretudo, de si mesmo. Na Psicanálise, teoria e prática não apenas se complementam, mas se retroalimentam (Dunker, 2017), no sentido que o saber (tornar-se) psicanalítico “[...] é um saber do não sabido, um saber que não se cristaliza em significação definida. Esse é o saber antagônico ao conhecimento” (Oliveira; Neves, 2013, p. 103).

A partir do até aqui exposto, se faz necessária uma diferenciação entre a Psicanálise e a Psicologia. De modo geral (superficial e introdutório), a Psicologia se preocupa mais com o arcabouço teórico a ser seguido na prática clínica, enquanto a Psicanálise centra-se na pessoa humana. De acordo com Dunker (2020), Freud definiu a Psicanálise como um método de tratamento e uma forma de investigação; já a Psicologia, ocupa-se com um discurso mais teórico a respeito do funcionamento mental (da psique).

Bernardes (2019), reitera tal premissa quando diz que “As habilitações profissionais conseguidas a partir de cursos universitários são apenas vestimentas, máscaras [...]” (p. 112). Por isso, é possível perceber “[...] que os diplomas de medicina e de psicologia muitas vezes têm servido para obturar a falta de formação psicanalítica” (p. 114). E a própria legislação que ampara o exercício da ocupação de psicanalista em nosso país reforça que a Psicanálise “Não é medicina, nem tão pouco psicologia. [...] que o diploma de médico ou psicólogo não constitui por si só, condição “sine qua non” para o exercício da clínica psicanalítica” (Rufino, 2016, p. 5).

Conforme Dunker (2020), tecnicamente e legalmente, a diferença é que o psicólogo se forma em uma instituição de ensino superior, como unidades curriculares e estágios e, enquanto profissão, é regulamentada por um conselho estatal. Já o psicanalista se forma em associações livres que oferecem um corpo teórico, mas, principalmente, pelo corpo clínico, isto é, a análise pessoal e a supervisão permanentes. Essa não é uma profissão, mas uma ocupação.

Nasio (2003, p. 20) apresenta uma diferenciação entre a Psicanálise e a psicoterapia: “[...] a psicoterapia é uma escuta capaz de suspender provisoriamente o sintoma, a psicanálise pode não apenas obter a mesma melhora, mas sobretudo modificar a personalidade do analisando levando-o a modificar sua atitude com respeito a seu sofrimento”.

Enfim, enquanto a Psicologia é uma profissão que deve prestar contas a um corpo teórico encapsulado na academia e seguir as normas de conduta de um conselho profissional, a Psicanálise chega ao outro (o analisando) pela via direta do saber mútuo, da troca, da escuta, da percepção, do não prejulgamento/encapsulamento teórico. A psicologia tem uma ética; a Psicanálise é uma ética (Dunker, 2016b).

O silêncio e o trauma

O silêncio apresenta-se como um simbolismo de relevância no interior da prática psicanalista. De igual modo, o conceito de trauma necessita ser compreendido na análise clínica psicanalítica. Assim, esses são os dois conceitos que serão abordados no transcorrer deste tópico.

Apresento dois vieses quanto ao primeiro ponto – o do silêncio na prática clínica psicanalítica: por parte do analista; e pelo analisando. Em ambas as situações, o silêncio é um elemento importante e necessário no processo do tratamento psicanalítico (Nápoli, 2021c).

Quanto ao silêncio por parte do analisando/paciente, Ribeiro e Amaral (2016, p. 70) cita que, inicialmente, “[...] a psicanálise tratava do silêncio como uma resistência, ou seja, como uma forma que o analisando tinha de se opor ao acesso ao seu inconsciente”. Tal fato se justificava, pois a característica principal da Psicanálise – a regra fundamental, estabelecida por Sigmund Freud – era (como ainda o é) a associação livre das ideias, isto é, a fala, o abrir-se ao outro. No entanto, com o passar dos tempos (significando aqui o amadurecimento da clínica psicanalítica), percebeu-se que

[...] não é só o *que* o paciente diz que é importante, mas *como* o diz. É valorizada, assim, não apenas a comunicação verbal, mas, principalmente, a comunicação não verbal, ou seja, era preciso fazer uso do próprio comportamento do paciente como material: a maneira como ele fala, seu grau de polidez, sua expressão facial, sua postura corporal etc. [...] (Ribeiro; Amaral, 2016, p. 72).

Nesse sentido, o silenciamento por parte do paciente/analizando significaria um mecanismo de defesa de um Ego estruturado, afinal ninguém confia suas intimidades, sua vida para um estranho; ou, como diz Ribeiro e Amaral (2016, p. 73), “[...] seria necessário um certo tempo para que os pacientes realmente confiassem no analista [...]”. Além dessa resistência – pertinente ao processo inicial – o paciente pode silenciar-se em outros momentos da análise, períodos denominados de hesitação: “Essa hesitação é muitas vezes expressa pelo silêncio, [...] é caracterizada por uma fase em que o indivíduo está avaliando se a realidade externa é segura e confiável, [...] não há uma rigidez, como acontece na resistência” (Ribeiro; Amaral, 2016, p. 82).

Além de resistência e hesitação, o silêncio pode significar um desenvolvimento psíquico (uma conquista psíquica) do paciente/analizando, pois representaria a capacidade de autorreflexão, isto é, de encontra-se só, porém, sem estar perdido:

A capacidade de estar só difere do isolamento patológico pelo fato de que ela não é reativa nem representa uma fuga da realidade externa. Todavia, é concebida como um estado de relaxamento e, ao mesmo tempo, uma apreciação dos impulsos pessoais enquanto se tem contato consigo mesmo. Essa capacidade para estar só é conquistada, paradoxalmente, estando só na presença de alguém (Ribeiro; Amaral, 2016, p. 83).

Quanto ao silêncio por parte do analista, não significa que ele não sabe o que dizer, mas trata-se de uma técnica psicanalítica, uma decisão clínica (portanto, uma estratégia). De acordo com Nápoli (2021c), quando o psicanalista faz silêncio ele está: (i) sinalizando/indicando ao paciente que a análise não é uma conversa comum, um bate-papo. Na Psicanálise, o paciente deve falar, pois ao falar ele se escuta – e este é o princípio básico da clínica analítica; (ii) colhendo as informações necessárias no discurso do paciente para elaborar uma fala assertiva, isto é, falar o que o outro precisa escutar (o foco é no paciente e não no que o analista quer falar). Por outro lado,

[...] não é “qualquer silêncio” do analista que é benéfico para o paciente. Se o analista fica em silêncio, mas mantém uma postura rígida, mecânica ou ansiosa que o paciente percebe por meios não-verbais, isso não possibilitará que este último possa se expressar. [...] Nesse caso, se o analista estiver realmente vivo e envolvido com o paciente durante um período de silêncio de que este necessita, proporcionando-lhe segurança e relaxamento por meio do olhar, de gestos, de postura corporal, de respiração etc., a chance que o paciente tem de ser espontâneo e compreendido será maior (Ribeiro; Amaral, 2016, p. 86).

Enfim, o silêncio do paciente/analizando pode ser interpretado analiticamente como resistência, hesitação ou ganho de confiança (maturidade psíquica). E, para cada uma das três situações, a postura do analista deve ser distinta, porém, sempre acolhedora e geradora de confiança:

Apesar das diferenças, [...] o analista não deve obrigar o paciente a falar ou fazer interpretações que não possam ser reconhecidas por este. [...] deve haver um trabalho preparativo para que ela possa ocorrer. Em acréscimo, o analista não deve ser tomado como uma autoridade, mas, sim, deve facilitar ao paciente que este possa se expressar. [...] respeito à valorização da espontaneidade do paciente (Ribeiro; Amaral, 2016, p. 91).

Quanto ao segundo ponto que me propus abordar – o trauma para a Psicanálise, Guzmán e Derzi (2021, p. 2) informa que:

[...] o conceito de neurose traumática surge a partir de Oppenheim, em 1884, que estudava as queixas de pessoas que sofriam de acidentes rodoviários, e que a descreveu como uma afecção orgânica consecutiva de um trauma real, provocando uma alteração física dos centros nervosos, por sua vez acompanhada de sintomas psíquicos: depressão, hipocondria, angústia, delírio etc.

Nesse sentido, conforme relata Oliveira (2021), a pessoa que sofre um trauma passa a sofrer uma fixação, isto é, uma regressão psíquica recorrente. E isso é sentido como se a pessoa passasse a viver em uma prisão mental:

As neuroses traumáticas dão claros indícios de que têm na sua base uma fixação no momento do acidente traumático. Os doentes repetem a situação traumática regularmente nos seus sonhos, e ressurgem na forma de ataques histeriformes nos quais há um traslado total do sujeito a essa situação, como se não tivessem findado com a situação traumática. [...] o mais característico e intrigante é o reviver repetido e quase alucinatório do acontecimento traumático [...] (Guzmán; Derzi, 2021, p. 5 e 6).

Para Freud, o trauma é um fluxo de energia mais intenso que atinge o aparelho psíquico (Id, Ego e Superego), gerando a fixação (Oliveira, 2021). Até aqui é possível compreender que trauma é um evento psíquico cuja origem se dá por ocasião de traumatismos – acontecimentos reais/físicos/orgânicos ou eventos fantasiosos, isto é, algo que nunca ocorreu em realidade (Oliveira, 2021). Assim, é possível estabelecer o percurso de tal fluxo energético de maior intensidade (o trauma), conforme a figura esquemática a seguir:

traumatismo (evento real ou uma fantasia) → trauma psíquico → fixação → regressão psíquica

A Psicanálise contribui para o analisando/paciente distinguir melhor entre passado e presente, isto é, não deixar o passado (traumatismo) reviver no presente (fixação). Enxergar tal diferenciação – do que passou e do que é atual – facilita ao paciente/analizando ressignificar o passado para reduzir a afetação (trauma) dele na vida presente. De que modo? Pela fala! Conforme Guzmán e Derzi (2021, p. 12), “Ao tomar a palavra, o sujeito deixa de ser vítima, sofre, fala dos efeitos do trauma [...]”. Vemos como o sujeito escolhe no vivido, toma posição”.

Caso clínico: associação livre, transferência e ética

Encontrei um caso clínico de uma paciente chamada Isabela, caso esse relatado pela sua psicanalista, Paula Peron, no artigo Peron (2016). A seguir, descreverei o caso apontando como a psicanalista utilizou os conceitos associação livre, transferência e ética na relação com a paciente e no desenvolvimento do tratamento psicanalítico.

Isabela é uma mulher que, à época, contava 40 anos de idade, com curso superior completo, tipicamente bonita e que procurou a Paula (psicanalista) por ocasião do desencarne recente de seu tio, por quem ela nutria um afeto paternal. Pelo que pude compreender do processo narrado pela psicanalista, o início – nada fácil por conta de alguns comportamentos impostos pela paciente (determinando a frequência semanal e/ou mensal; não ter horário predeterminado; não se valer do divã e querer sentar-se frente a frente; enfim, ter a sensação de controle da situação) – se deu pelo método da associação livre, isto é, “Falar de modo livre, sem censuras e obstáculos [...]” (Carvalho; Honda, 2017, p. 48).

A psicanalista, logo no início, quer dizer, nos encontros iniciais (podemos considerar ‘no curto prazo’ do tratamento) havia percebido, via associação livre, que ela “Chegou para seu tratamento apresentando uma doçura passiva que denunciava sua insegurança e tentativa de absoluto controle frente à sua agressividade” e tal comportamento, hesitante, a comprometia em “[...] envolver-se com a análise, apresentando-se pouco disponível para o trabalho analítico” (Peron, 2016, p. 2).

Tal situação trouxe à tona, por parte da psicanalista, que aquela experiência analítica de transferência seria “[...] marcada pela depressão e por uma relação comigo muito submissa e dependente [...]” (Peron, 2016, p. 1). Seguindo a linha psicanalítica de Sándor Ferenczi – psicanalista húngaro, colaborador de Freud – ela identificou na paciente que seu comportamento inicial se dava como defesas psíquicas do tipo identificação com o agressor, clivagem narcísica e progressão traumática patológica devido a:

[...] uma história infantil marcada pela indiferença materna e paterna, traduzida em falta ou empobrecimento excessivo do contato afetivo, corporal e verbal com a mãe e o pai e deficiência no reconhecimento, pelos pais, das necessidades materiais e afetivas básicas da criança (Peron, 2016, p. 1).

Até aqui já nos é possível identificar na realidade de um caso clínico a presença dos conceitos de associação livre, bem como o de transferência que, conforme nos aponta Monteiro (1999, p. 166), se dá pela “[...] existência de alguns processos que se repetem, ou melhor, que, de uma forma ou de outra, estão presentes em cada uma das relações [...] que pode ser assim sintetizado: uma grande admiração inicial (idealização), grandes expectativas, superação e abandono”.

A partir dessa ‘anamnese inicial’ e à medida que o processo analítico se desenvolvia (apesar das turbulências no estabelecimento da transferência), a psicanalista percebeu que:

[...] a neutralidade usual de minha parte acabava por facilitar a repetição de um ambiente hostil que já havia experimentado. Notava que alguma eventual rigidez de minha parte, ou uma atitude geral mais fria e objetiva, acabava por provocar aumento das resistências e possibilitava o aparecimento de uma reedição bastante literal dos acontecimentos traumáticos da história infantil, como se Isabela me identificasse inconscientemente com figuras negativas da infância e ativasse reações caracteriais e sintomáticas relativas aos traumas infantis (Peron, 2016, p. 2).

A análise que eu faço dessa percepção sensível e humana do *setting* terapêutico – isto é, “[...] um ambiente especial, tanto do ponto de vista físico quanto de uma atmosfera emocional apropriada para a efetivação de continuadas e prolongadas experiências emocionais, em uma situação rara, única e singular” (Zimerman, 2008, p. 67) – é que a psicanalista teve uma postura, humana e profissional, extremamente ética, acolhendo a paciente “[...] de maneira diferenciada, mais flexível e permissível” (Peron, 2016, p. 2) ao invés de seguir rigidamente uma técnica, um método e/ou um autor de referência.

Ainda é importante dizer que no relato do presente caso clínico houve um momento que me foi possível identificar a utilização de um método catártico – “[...] fazendo a paciente recordar o momento e a circunstância em que o sintoma foi produzido pela primeira vez, geralmente um acontecimento carregado de emoção intensa que não era exteriorizada ou manifestada pela paciente, ficando estancada” (Paim; Ibertis, 2006, p. 143) – via recurso maiêutico socrático para o favorecimento da transferência e, com isso, o desenvolvimento do referido tratamento. Segundo Leite (2020), Sócrates foi um precursor da Psicanálise, pois ele operava por meio da palavra, do diálogo – interrogativo, analítico, profundo – no sujeito da pessoa, isto é, buscava o eu profundo que habita o/no inconsciente.

A psicanalista recorre ao seguinte aporte teórico: “[...] face à resistência do paciente em produzir fantasias, Ferenczi apresenta como ele próprio sentiria, pensaria ou se imaginaria na situação em questão a fim de estimular o paciente” (Peron, 2016, p. 4). Para tanto, ela realizou perguntas – *“Que raiva uma situação assim provoca!”* ou *“Não te deu vontade de abraçá-lo?”* ou *“Quanta confusão mental isso gera. Você não acha?”* (Peron, 2016, p. 4) ou *“Ela [a mãe] era muito violenta, não acha?”* ou *“Você acha que isso que ela fazia era muito pesado para uma criança?”* (Peron, 2016, p. 8) – que desencadeavam respostas catárticas, favorecendo à paciente liberar conteúdos reprimidos.

Concluindo este tópico, digo que no caso clínico estudado me foi possível identificar os conceitos associação livre, transferência e ética (além do conceito catarse), bem como suas relações; e como a psicanalista fez (bom) uso deles na relação com a paciente e no desenvolvimento do tratamento psicanalítico. Para além disso, para mim, o que fica de mais relevante nesse estudo é o que concluiu Peron (2016, p. 9): “[...] despadronizar o *setting* conforme as singularidades e necessidades de cada paciente e flexibilizar a técnica na medida da minha capacidade”. É como disse Lacan: a Psicanálise é uma ética (Dunker, 2016b).

Caso clínico: o poder da escuta

O próximo caso clínico a ser problematizado será o apresentado no documentário *A Ira de um Anjo* (ABRACE, 2017), mais conhecido como o Caso Beth. Por meio da análise do caso será possível descrever clinicamente o que aconteceu com a Beth, à luz dos principais conceitos psicanalíticos. Da mesma forma que, em sentido inverso, identificaremos como alguns elementos da prática psicanalítica puderam contribuir para a Beth adquirir uma vida socialmente saudável.

O documentário *A Ira de um Anjo* (ABRACE, 2017) trata de um caso real de uma criança de seis anos de idade, de nome Beth, que foi abusada sexualmente pelo pai quando contava um ano de idade. Quando ela e o irmão mais novo, que também sofria abuso, foram resgatados, meses depois foram adotados por um casal heteroaetivo. A história parecia ter tido um final feliz, quando Beth começa a ter sonhos recorrentes com um homem que caía sobre ela e a machucava com uma parte dele. A partir de então, essa imagem – um complexo, inconsciente portanto – constelou, passando a tomar conta dela, que teve seu comportamento alterado por completo: tornou-se extremamente agressiva com o irmão mais novo, passando a torturá-lo, bem como aos animais de estimação. A situação agravou-se mais ainda quando ela planejou matar o irmão e os pais, escondendo facas de cozinha para golpeá-los à noite, quando dormissem. Nesse período os pais a trancavam no quarto à noite para a segurança deles próprios e do outro filho.

Quando a situação chegou a um nível insustentável, os pais procuraram o psicólogo Ken Magid, especialista no tratamento de crianças abusadas severamente. E foi ele quem gravou as sessões de terapia que geraram o documentário. Ao longo do tratamento, ele identificou que a condição da garota consistia na ausência completa de empatia e sociabilização, resultado na sua incapacidade de se relacionar socialmente de modo saudável, bem como de sentir afeto pelas pessoas e animais. Tal transtorno, que acomete bebês e crianças até os cinco anos de idade, faz com que o infante não aprendesse valores como certo e errado, bem e mal, culpa e remorso.

Beth foi rotulada como psicopata, mas Ken Magid explicou que, apesar dela apresentar características de uma personalidade psicopata, ela não o era, pois, a causa de seu comportamento fora a ausência de referências de valores humanitários no período da vida em que tais valores devem ser forjados na constituição psíquica infantil (do nascimento até os seis anos de vida). Dito de outro modo, a vida traumática (ou a ausência de vida) nos primeiros anos da infância proporcionaram à Beth “[...] carências – verdadeiros “buracos negros” [...]” que geraram uma “[...] *patologia do vazio* [...]” (Zimerman, 2008, p. 349).

À luz de alguns conceitos da Psicanálise é possível compreender o caso documentado audiovisualmente. Inicialmente, me sobreveio o conceito freudiano de melancolia: “[...] um doloroso abatimento psíquico, com perda de interesse pelo mundo externo e da possibilidade de amar, havendo diminuição da autoestima” (Souza; Pontes, 2016, p. 70). E não foi isso que ocorreu com a Beth: uma incapacidade de amar? Um desinteresse pelo mundo (desapego a pessoas, animais, coisas e sentimentos)? Uma redução drástica da estima de si mesma (tentativas de automutilação)?

Em um estado melancólico a pessoa passa a se identificar com o objeto, em um “[...] estado patológico de reação à perda” (Souza; Pontes, 2016, p. 71). Com o histórico de abusos por parte da pessoa em quem ela deveria depositar amor e confiança (o pai), Beth passou ter por referência psíquica o objeto do abuso, isto é, com a perda (ausência completa) do amor e da confiança, aprendeu que agredir, abusar, matar e não amar era a normalidade do mundo e, portanto, ter esse comportamento era o correto (transferência para o objeto).

Um outro conceito psicanalítico que se pode utilizar no caso da Beth é o de sexualidade. Na verdade, dois conceitos em conjunto: sexualidade e pulsão. Segundo Costa (2020, p. 15):

A criança é um ser perverso-polimorfo, com pulsões parciais emanando de zonas erógenas que se constituem apoiando-se em funções vitais, ou seja, a sexualidade infantil é pré-genital – oral e anal – e as pulsões tendem isoladamente à satisfação auto-erótica. O uso do próprio corpo como objeto de satisfação (por exemplo, sugar o polegar), derivado da impossibilidade de a criança dominar o mundo externo, confere à sexualidade infantil uma qualidade de auto-suficiência. Haveria zonas erógenas predestinadas – as que se vinculam às fontes vitais – porém, todo o corpo pode se comportar como uma zona erógena.

Com o conceito de pulsão, Freud demonstra que a criança usa uma parte de seu próprio corpo como fonte de prazer.

O trauma psíquico severo gerado na Beth foi, justamente, em relação às zonas erógenas, pulsionais, despertadas na infância. Aquele nível de trauma possibilitou um desajuste completo em sua psique infantil, alterando profundamente sua relação com a libido – que tornou-se um complexo – e as pulsões passaram a ser a ‘válvula de escape’ daqueles conteúdos inconscientes sombrios, revertidas em agressividade (auto e externa), muito de cunho erótico-sexual.

Com o até aqui exposto, penso que o que poderia ser feito em relação à Beth foi, justamente, aquilo que foi realizado. Ela foi internada, pois a situação envolvia risco de ferimentos graves e morte, tanto para os pais, o irmão e ela mesma. O interessante é que a internação se deu em uma clínica especializada no tratamento de crianças com os mesmos transtornos, portanto, ela foi adequadamente assistida (e não simplesmente ‘jogada’ em um local para ser dopada e não oferecer mais riscos).

Outro ponto fundamental foi que, do ponto de vista da psicanálise, ela foi escutada! O psicólogo Ken Magid não a 'rotulou' e, principalmente, não a prejudicou, mas a escutou, mostrou que ela era importante e que, por isso, deveria ser escutada e que poderia falar tudo sem medo de ser julgada e condenada – “[...] a ética de bem-dizer o seu desejo” (Siqueira, 2007, p. 78). No documentário podemos perceber que ela narra situações aterrorizantes e ele não demonstra negação, repulsa ou recriminação: nota-se pela postura corporal, tom de voz e palavras de incentivo e apoio. Essa condição de acolhimento oferecida por Ken é um processo e condição basilares na clínica psicanalítica. Ou, conforme Favilli (2013, p. 33), “Um encontro de si mesmo, dentro do espaço analítico, só vai acontecer se existir, dentro dele, o espaço de liberdade capaz de garantir as formas de funcionamento mental específicas”. E isso é o que foi proporcionado à Beth, em longo prazo, contribuindo para a tomada de consciência (integração) desses conteúdos reprimidos para que ela pudesse, assim, aprender a lidar com eles, controlando-se por si mesma.

Uma outra condição fundamental no processo terapêutico da Beth foi o avanço de um estado de não expressão de remorso para a aquisição da culpa genuína – o documentário mostra os momentos que ela mostra arrependimento e chora com sofrimento. Gonçalves (2019) apresenta a culpa como um sentimento a ser trabalhado no sentido de resistirmos a ela, pois “O sentimento de culpa é [...] o mal-estar da cultura, o preço que pagamos por vivermos em sociedade, reprimindo a sexualidade e a agressividade” (p. 286). Para Freud, a culpa deve ser vista como um problema inconsciente a ser tratado, pois ela nos diz de conteúdos reprimidos que podem ser somatizados. No entanto, no caso apresentado no documentário, a situação era de tal gravidade que a Beth passar a apresentar o sentimento de culpa foi um avanço, pois ela adquiriu um sentimento “[...] inerente ao ser humano” (Gonçalves, 2019, p. 281). A partir de então, o psicólogo pôde trabalhar com ela esse sentimento e como lidar com ele.



CAPÍTULO 5. PSICANÁLISE *IN SITU*

A locução adverbial, de origem latina, *In Situ* significa “No próprio lugar; no local; in loco” (<https://www.dicio.com.br/in-situ/>). Já a expressão Psicanálise *In Situ* diz que “[...] a psicanálise não é um conceito abstrato ou distante, mas uma experiência viva e tangível que se desdobra no aqui e agora” (Instituto de Psicanálise *In Situ* do Brasil, 2025, p. 1). Dessa forma, o objetivo deste capítulo foi compreender alguns aspectos, sobretudo, aqueles “[...] metodológicos e práticos de como a psicanálise posiciona-se e contribui no tratamento de quadros clínicos psiquiátricos” (Reina, D., 2022, p. 5). Assim, a Psicanálise em sua prática propriamente (de fato = *in situ*) diz de suas ações efetivas e seus resultados terapêuticos em conexão com a Psiquiatria (o DSM e o CID) e com temas dos mais atuais concernentes às ciências da saúde (as neurociências, de um modo geral, e a epigenética).

Psicanálise e o DSM: contribuições e limitações

A Psicanálise, assim como todas as demais abordagens psicoterapêuticas, está em permanente relação com a Psiquiatria e, nesse sentido, encontra-se às voltas com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – o DSM. Com isso, neste tópico, abordo as contribuições e as limitações dessa relação.

Em relação às contribuições da publicação do DSM-III para a saúde mental, conforme a explicação de Araújo e Neto (2014, p. 69),

Em 1980, a APA publicou a terceira edição do seu manual introduzindo importantes modificações metodológicas e estruturais [...]. Sua publicação representou um importante avanço em termos do diagnóstico de transtornos mentais, além de facilitar a realização de pesquisas empíricas. O DSM-III apresentou um enfoque mais descritivo, com critérios explícitos de diagnóstico organizados em um sistema multiaxial, com o objetivo de oferecer ferramentas para clínicos e pesquisadores, além de facilitar a coleta de dados estatísticos.

Dando sequência, Sternick, Greco e Borges (2019, p. 13) complementa:

[...] a terceira versão do DSM [...] apregoando uma nova forma de nosografia das doenças mentais [...] responde à demanda daqueles que consideravam que, até sua segunda versão, o DSM representava o compromisso entre a psiquiatria normativa com uma psicanálise retrógrada. Multiaxial, o novo modelo consistia num sistema classificatório ateuórico das grandes síndromes psiquiátricas que se propunha suficiente para apoiar diagnósticos precisos e universais [...].

Em síntese, o DSM-III foi proposto para ser “[...] um instrumento que visava à maior precisão dos limites entre o normal e o patológico [...]” (Szajnbok, 2013, p. 93), isto é, o enfoque descritivo das doenças mentais baseado em critérios mais bem definidos e um modelo multiaxial, ateuórico e objetivo (suprimindo, de vez, a subjetividade humana) deveriam possibilitar uma melhor diagnose e uma consequente recomendação farmacológica por parte do psiquiatra promovendo uma maior sensação de segurança (e de proteção, porque não) por parte dos pacientes e seus familiares.

Uma outra suposta contribuição para o campo da saúde mental foi a “[...] introdução da noção de transtorno ou, mais recentemente, pela ideia de espectro que, valendo-se da falta de exames objetivos e da dificuldade de delimitação das fronteiras no campo da psiquiatria, cumprem a função de expandi-las” (Sternick; Greco; Borges, 2019, p. 13). Esperava-se que com essa ampliação da nosologia das doenças mentais houvesse um acolhimento daqueles pacientes cujo quadro psicopatológico até então não era catalogado clinicamente e cientificamente.

Em relação às limitações das diretrizes do DSM e como a Psicanálise se insere nesse contexto, Araújo e Neto (2014, p. 82) relata que “A principal crítica acerca do DSM-5 é de que esta classificação tornou-se pouco criteriosa fazendo aumentar o número de pessoas que podem ser diagnosticados com algum transtorno mental”. E tal conduta, por ocasião da formatação do referido documento, não foi aleatória; pelo contrário, deu-se de modo a suprimir a pessoa humana – e sua subjetividade histórica – do processo de análise, tratamento e cura ou, como colocou Szajnbok (2013, p. 96), “O campo do sofrimento, da condição humana como tal, está sendo deixado de lado”.

Seguindo o rastro dessa intencionalidade indicada: “Uma vez eliminado o sujeito de sua doença, o que resta é organizar os sintomas num sistema para indicar qual medicamento será mais adequado a esse ou àquele sintoma” (Myssior; Machado, 2019, p. 114). A partir de então, o que resta à Medicina para a saúde mental – especificamente a Psiquiatria – é a diagnose segundo manuais descritivos e ateuóricos, a patologização dos comportamentos e a medicalização enquanto via primordial.

Ainda na sequência desse desdobramento lógico dedutivo, chegamos, enfim, à causa primeira das diretrizes da DSM-V – de acordo com Rodrigues, Leite e Gontijo (2019): um “[...] pacto estabelecido entre as indústrias farmacêuticas [...]” (p. 126), pois “[...] o discurso do capitalista impõe a redução do Saber a um valor de mercado (mercadoria) e a produção constante de “objetos” que passam a ser desejados pelo sujeito” (p. 127). Quer dizer, os fatores econômicos (governamentais, as operadoras de planos de saúde e a indústria farmacêutica) sobrepujando o ideário de saúde. Em suma, para Teodoro (2019, p. 139), “[...] a quinta versão do DSM tem efeitos nefastos na cultura contemporânea [...]”.

Destarte, como a Psicanálise se insere nesse contexto? Penso que, inicialmente, como um movimento de resistência (que nunca deixou de ser), isto é, ser uma via alternativa para se resistir a essa epidemia de diagnósticos e fármacos. Metaforicamente, a Psicanálise torna-se, mais do que nunca, ‘a porta estreita’, a via para trazer de volta a pessoa humana com a sua história comportamental, sua subjetividade e seu inconsciente (Dunker, 2016a), pois “[...] grave, é a eliminação completa de qualquer referência ao sujeito humano atravessado pela linguagem e, portanto, submetido às leis do inconsciente” (Szajnbok, 2013, p. 94).

A Psicanálise com o método da escuta da fala, da integração singular de cada pessoa, de cada caso clínico e de toda a subjetividade (afetiva, emocional e inconsciente) do contexto, contribui significativamente para a busca da verdade da vida de cada pessoa – que passa a se conhecer e a acolher-se. A Psicanálise não busca a cura sintomática imediata, mas media o processo de aprendermos a nos (re) conhecer diante de uma situação problemática e, assim, tornarmo-nos mais fortes (maduros) psiquicamente.

No sentido oposto da Psiquiatria pós-moderna, a Psicanálise: (i) não se restringe a um produto (remédio), mas é um processo; (ii) não é imediatista, mas lenta, no tempo processual psíquico de cada um; (iii) não é quimicamente invasiva e castradora, mas é eminentemente dialógica e, portanto, expurgante; (iv) e, por fim, não fica na rasura da invisibilização sintomática, mas aprofunda – ao nível do inconsciente – na busca da causa verdadeira do transtorno.

Finalizo com uma citação direta que sintetiza o debate levantado por essa segunda questão: “Assim, com o olhar, a escuta e o pensamento crítico, poderemos produzir tensões a fim de enfrentar a mesmice, a pasmaceira e a servidão cega e voluntária que hegemonicamente dominam os horizontes de seres não pensantes” (Teodoro, 2019, p. 141).

Psicanálise e o DSM: diferenças e aproximações

Dando seguimento à temática das relações entre a Psicanálise e a Psiquiatria, neste tópico abordo suas diferenças e aproximações pelo viés do sofrimento psíquico, bem como as dificuldades e desafios para a Psicanálise impostos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – o DSM.

Início tecendo algumas palavras a respeito do sofrimento. De acordo com Guerra, Langlais e Guerra (2019, p. 149), “[...] é impossível a vida humana sem sofrimento psíquico”. Partindo dessa premissa, todos temos conflitos das mais variadas ordens sendo que, muitos deles (praticamente todos), podem gerar sofrimento psíquico. Nesse sentido, Figueiredo e Tenório (2002, p. 31), apontam uma consideração determinante e sensível do ‘pai da psicanálise’: “[...] Freud desloca a loucura do

registro do erro e propõe que ela é uma forma particular do sujeito dizer a verdade. Freud cria, assim, as condições para que se venha a reconhecer no louco o estatuto de um sujeito cuja fala tem positividade”. O que quero dizer com tal citação é que o sofrimento psíquico não deve ser o ponto final de um diagnóstico, algo a ser eliminado; muito pelo contrário, ele deve ser ponto de partida, pois suas características sintomáticas têm muito a dizer a respeito da pessoa humana que é por ele afligida. E aqui encontra-se, talvez, a principal diferenciação entre a Psicanálise e a Psiquiatria.

Segundo Guerra, Langlais e Guerra (2019, p. 149), “A palavra *diagnóstico* é [...] empregada para significar um conhecimento obtido por meio da análise ou do exame dos componentes obtidos pela separação do todo em partes”. E a Psiquiatria levou ao ‘pé da letra’ essa ideia de fragmentação, afinal, o DSM-V, bem como o CID-10,¹ fragmentaram a pessoa humana em tantas quantas afecções/transtornos/desordens/distúrbios quanto possíveis ao ponto de abarcar oito bilhões de humanos; nunca o ditado ‘dividir para reinar’ foi tão contundentemente imposto – uma verdadeira pandemia diagnóstica compulsória. O DSM altera o modelo psiquiátrico de compreensão do sofrimento mental – para uma vigente psiquiatria biológica/biologizante/positivista (Figueiredo; Tenório, 2002): diagnóstico objetivo (por desconsideração da subjetividade do humano); causas neurobiológicas (desconsiderando os fatores emocionais, sociais e inconscientes – novamente desconsiderando a humanidade da vida); e tratamento farmacológico (biológico – e, uma vez mais, não psicológico, subjetivo, individualizado e humanizado).

Por outro lado, a Psicanálise mantém sua missão de origem: a escuta! A forma como falamos e entendemos o sofrimento transforma a nossa experiência: como falamos ou silenciemos a respeito; como entendemos (individualmente ou em nível familiar) um determinado sofrimento psíquico – afeta nosso modo de se relacionar com os outros, com o mundo, com a vida (Dunker, 2018). Para Guerra, Langlais e Guerra (2019, p. 152), “[...] a clínica do sofrimento psíquico não é a busca da cura de uma doença ou da eliminação de um transtorno [...], mas é um processo de transformação de subjetividade regida pela ética do desejo produzida por meio da palavra dita e escutada [...]”.

Após essa comparação breve dos preceitos diagnósticos e princípios éticos podemos compreender as dificuldades e os desafios para a Psicanálise tendo em vista o que é colocado pelo DSM. Historicamente, da primeira para a quinta versão (a mais atual), o DSM alijou a Psicanálise da Psiquiatria; ou, como assevera Figueiredo e Tenório (2002, p. 35),

¹ CID-10 é uma sigla que significa, em tradução livre: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – que se encontra em sua décima versão de revisão. Cabe esclarecer que a Organização Mundial de Saúde já atualizou o documento para a sua 11ª versão, e que a mesma já fora traduzida para a Língua Portuguesa, mas será implementada no Brasil a partir do ano 2027 (<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/11a-revisao-da-classificacao-internacional-de-doencas-sera-implementada-no-brasil-ate-2027>).

[...] essa “conversa” está ausente da anamnese psiquiátrica porque ela importa cada vez menos para a fundamentação de um diagnóstico em psiquiatria. Se é como objeto que a paciente se apresenta no hospital, chama a atenção que ela esteja, na anamnese psiquiátrica, impedida de comparecer como sujeito, uma vez que nada aparece de sua fala.

No entanto, “[...] o tratamento do sofrimento psíquico transcende à lógica do DSM requerendo investigações e intervenções que precisam ser mais aprofundadas e ampliadas [...]” (Guerra; Langlais; Guerra, 2019, p. 147). Isto é, são possíveis – e muito necessárias – as aproximações entre a Psiquiatria e a Psicanálise, não somente em relação ao diagnóstico, mas, principalmente, quanto à terapêutica adotada tendo em vista o sofrimento psíquico. Para Dunker (2018), os nossos sintomas não podem ser tratados independentes da nossa vida de relações, tampouco podemos reduzir nossa experiência subjetiva à consciência.

Em verdade, a Psiquiatria tem que se permitir uma renovação: de profundidade – considerando a integralidade humana, isto é, a vasta seara do inconsciente; ética – lidando com a pessoa humana em sofrimento e não apenas com um problema, supostamente objetivo, a ser eliminado; e humanizada – passando à escuta do paciente e não somente buscando sua codificação em manuais, uma espécie de médico alienista (Assis, 2022).

Quanto à renovação (humanização) da Psiquiatria, que perpassa por uma reaproximação com a Psicanálise, Figueiredo e Tenório (2002, p. 31) diz “[...] de uma psiquiatria atravessada pela questão do sujeito. Nesse contexto, a psicanálise volta a ter lugar, ajudando a constituir o campo terapêutico e as referências éticas desta psiquiatria com sujeito”. Assim, “Ao propor que o diagnóstico incida não exclusivamente sobre o sintoma, mas sobre a implicação do sujeito no sintoma, a psicanálise cria as condições para que a própria intervenção clínica vá mais-além” (Figueiredo; Tenório, 2002, p. 42).

Psicanálise, neurofisiologia e neuroanatomia

No presente tópico me vali de dois casos reais para estabelecer reflexões acerca das relações entre a Psicanálise e casos clínicos envolvendo a neurofisiologia e a neuroanatomia. O primeiro caso, de Phineas Gage, é possível refletir quanto algumas questões: a neurofisiologia é o foco central do comportamento? De que forma a teoria psicanalítica se insere nesse contexto? Quais as possíveis abordagens e respostas terapêuticas esperadas da psicanálise, quando o quadro clínico surge após injúrias ou lesões cerebrais? O segundo caso, do garoto ‘Otto’, conduz à seguinte indagação: de que forma a psicanálise poderia trazer resultados terapêuticos quando o histórico sintomático possui relação intrínseca com a neuroanatomia?

De modo sumário, o Caso Phineas Gage trata de uma pessoa de personalidade pacata e gentil e de comportamento pacifista e esforçado que “[...] teve o crânio atravessado por uma barra de metal [...]”. Seu caso ficou conhecido porque ele se não só se recuperou do acidente grave, como não teve nenhuma sequela cognitiva, motora ou na linguagem, exceto pelo intrigante fato de ter mudado completamente seu comportamento” (Arreguy, 2010, p. 1.273): tornou-se uma pessoa de personalidade agressiva e grosseira, de comportamento desrespeitoso e pouco responsável.

O Caso Phineas Gage fez emergir a hipótese “[...] que a lesão na região orbital do lobo pré-frontal do cérebro era responsável pelas transformações no comportamento [...]” e, com isso, “[...] estabelecer as bases neuroanatômicas e neurofisiopatológicas do comportamento emocional descontrolado” (Arreguy, 2010, p. 1.273). A partir de então, inúmeros pesquisadores, a destacar Antonio Damásio e Adrian Raine, começaram a investigar tais possíveis relações.

No entanto – buscando uma possível resposta a uma das questões propostas no início deste tópico (A neurofisiologia é o foco central do comportamento?) – Arreguy (2010) relata que apesar de muitos estudos publicados, não é possível ter algum nível de confiabilidade na correlação apresentada, pois: (1) “[...] nenhum dos resultados dessas pesquisas experimentais é tido como absolutamente conclusivos [...] sempre se ressaltando a interação [...] com as influências ambientais [...]” (p. 1.275); (2) “[...] há implicações éticas no caso de apropriações indébitas do saber neurocientífico sobre as emoções ligadas ao comportamento violento e ao crime” (p. 1.277); (3) “Não se descarta um “potencial lucro” na adoção de políticas públicas fundadas na medicalização psicofarmacológica” (p. 1.278); (4) há “[...] uma postura “materialista reducionista” que subordina os aspectos mentais a processos estritamente biológicos” (p. 1.278). Então, não é possível afirmar que o foco central do comportamento encontra-se na neurofisiologia, afinal:

[...] a causa da violência é multifatorial, e uma correlação simples entre disfunção cerebral e um ato violento é raramente possível. A violência ocorre num contexto social, e outros fatores concorrentes como o stress emocional, pobreza, hiperpopulação, álcool e outras drogas, abuso infantil, e desintegração social da família estão frequentemente envolvidos [...] (Arreguy, 2010, p. 1.275).

Ou ainda – e ratificando, “[...] a oscilação emocional e sua transição em comportamentos violentos é sempre tributária do processo sócio-histórico e das relações subjetivas a que o corpo responde” (Arreguy, 2010, p. 1.278).

Como possível resposta à outra questão proposta no início deste tópico (De que forma a teoria psicanalítica se insere nesse contexto?), cabe sempre lembrar que a “[...] escuta clínica é irredutível a um protocolo experimental” (Arreguy, 2010, p. 1.283). Isso significa que para um mesmo caso – por exemplo, uma lesão cerebral como a de Phineas Gage – ocorrido com diversas pessoas deve ser tratado individualmente,

pois cada pessoa humana carrega a sua história, seus traumas, as partes de si que transfere, que sublima, que torna inconsciente e que podem provocar reações distintas e percepções e comportamentos diversos, apesar de uma neuroimagem ou diagnose similar.

Objetivar, em ciência positivista, é sempre desconsiderar, mascarar e excluir os *ouliers*, isto é, os dados fora da curva de normalidade: que nos casos em pauta são pessoas humanas com suas histórias de vida e, portanto, únicas e individuais. Na humanidade das relações somos TODOS fora da curva; analogamente, somos uma representação gráfica de $n = 1$. Ou, como diz Arreguy (2010, p. 1.284):

[...] ainda é necessário reconhecer é que a “verdade” construída em análise é sempre relativa a uma realidade psíquica linguisticamente ancorada no corpo pulsional – portanto, trata-se de uma realidade pouco “palpável”, dinâmica e sempre sujeita a mudanças, mesmo porque o próprio corpo físico também é efêmero, dinâmico e em constante transformação.

Assim, a Psicanálise se insere nesse contexto (como no Caso Phineas Gage) como sempre foi, desde Freud: uma clínica da escuta, da fala; do permitir, maieuticamente, a autodescoberta; do confrontar-se com suas profundezas e, com isso, conhecer-se a si mesmo. E assim, desnaturando a aflição psíquica.

Por fim, uma possível resposta à terceira questão indicada no parágrafo inicial deste tópico (Quais as possíveis abordagens e respostas terapêuticas esperadas da psicanálise, quando o quadro clínico surge após injúrias ou lesões cerebrais?), novamente, Arreguy (2010) nos aventa a perspectiva da terapêutica psicanalítica: “Quando se trata do psicopatológico, do disruptivo, do trágico e violento na esfera individual, é a troca intersubjetiva, a transferência de afetos no modo de ouvir e analisar, de conter e endereçar, que vem a dar conta das alterações tanto na corporeidade quanto na ação” (p. 1.285).

E o mesmo autor complementa (agora sim para concluir):

A tendência à agressão ou violência “vista” através das técnicas de imageamento cerebral costuma ser associada a falhas “localizáveis” na anatomia e/ou no “funcionamento” de determinadas regiões do cérebro. Mas a violência emocional depende necessariamente do tipo de interação do sujeito com o contexto que o circunda no momento de uma infração, delito ou crime, levando em conta seu sofrimento subjetivo, e também, evidentemente, de sua história de vida. Assim, além do fluxo dos neurotransmissores no cérebro, os efeitos da palavra no corpo precisam ser profundamente conhecidos por quem pretende lidar com a agressividade humana tornada violenta e desproporcional (Arreguy, 2010, p. 1.286).

O segundo caso, do garoto ‘Otto’, trata, sumariamente, da manifestação de um comportamento violento por ocasião de um quadro de psicose e, por isso, teve de fazer uso de psicofármacos. Sumariamente, o caso pode ser assim descrito: “Ele carregava um histórico de graves condutas agressivas. [...] Marcado pela segregação, seu movimento oscilava entre ficar imerso nas instituições, convocando-as na totalidade,

ou ser expulso, apontando-as na posição de impotência” (Loures; Fernandes, 2015, p. 288). Na última instituição, entre idas e vindas, após apresentar as mesmas condutas/sintomas, ele foi psicanaliticamente acolhido; a analista, por meio da “[...] escuta clínica possibilitou um cálculo na direção do tratamento para além dos fenômenos de agressividade e impulsividade que se apresentavam. A construção do caso clínico deu-se a partir da posição estrutural do sujeito” (Loures; Fernandes, 2015, p. 289 e 290).

Segundo Dalgalarondo (2019, p. 26), “A psicopatologia em acepção mais ampla, pode ser definida como o conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental do ser humano”. Destaco aqui o ‘adoecimento mental’ com a intenção de reforçar que mente e cérebro são conceitos e substratos distintos. Ele não falou de um adoecimento cerebral – de um órgão biológico, de materialidade anatômica – passível de ser registrado (por exemplo, via exame de imagem), cirurgiado e/ou simplesmente medicado. Estamos diante do nível mental, isto é, do abstrato, do subjetivo, do inconsciente (em sua maior parte), do não palpável/registrável e, portanto, de um dos aspectos que mais caracterizam a individualidade humana.

Até aqui já nos é possível verificar a impossibilidade de antever alguma limitação no curso de melhora de algum paciente, seja por comprometimento anatômico ou por uso de psicofármacos – início da resposta à primeira pergunta proposta na questão. Independente de uma lesão cerebral, como no caso de Phineas Gage (Arreguy, 2010), ou por intervenção medicamentosa, como no caso de ‘Otto’ (Loures; Fernandes, 2015) se faz necessário e imperioso “[...] a presença da *experiência* subjetiva do doente [...]” (Loures; Fernandes, 2015, p. 282).

Não se nega a importância do diagnóstico, pelo contrário, espera-se que ele seja feito de maneira holística, considerando a pessoa humana em sua integralidade. Isto é, os exames de imagem, os protocolos diagnósticos do DSM-V e do CID-10, bem como as correlações desses métodos com as localizações e substratos neuroanatômicos não podem ser um ‘fim’ (o diagnóstico fechado), mas o ‘início’, a ponta do novelo que deve ser desenrolado via histórico social, emocional, familiar e psíquico do próprio sujeito em estado de adoecimento para se chegar à causa provável e, consequentemente, uma hipótese interventiva.

De acordo com Loures e Fernandes (2015, p. 284), “[...] a delimitação de um diagnóstico parece ir contra a perspectiva psicanalítica ao agrupar o sujeito em uma categoria específica: traz como consequência a perda da singularidade do mesmo e estabelece as classes que apontam grupos de exclusão”. Daí que “[...] a psicanálise não pode prever um tempo para o tratamento e nem para o diagnóstico, uma vez que prioriza a fala e a escuta do sujeito, e é a partir daí que o diagnóstico será estabelecido e o tratamento orientado”.

Especificamente no caso de 'Otto', o processo de tratamento teve vários desdobramentos, pouco ou nada eficazes, assim como o processo terapêutico também oscilou por diferentes trajetos e vieses à medida que o mesmo avançava. Tal não linearidade mostra a dinâmica afetiva e emocional que abarca a pessoa humana, bem como os infundáveis caminhos mentais que os afetos podem percorrer na mente humana até emergirem nas camadas mais superficiais, orgânicas/materiais.

Como possível resposta à última questão proposta no primeiro parágrafo deste tópico (De que forma a psicanálise poderia trazer resultados terapêuticos quando o histórico sintomático possui relação intrínseca com a neuroanatomia?), Loures e Fernandes (2015, p. 286) diz que

[...] a "doença" ocupa um sentido para o sujeito, que está afastado de sua consciência, mas inserido na trama de seu desejo. A associação livre deve assumir um papel de extrema importância para a escuta desse sujeito, pois é a partir dela que poderemos ter acesso aos seus desejos inconscientes [...].

Isso significa que, uma afecção de característica neuroanatômica (por exemplo o Caso de Phineas Gage) pode ter fundo psíquico, ou trazer consequências psicológicas, ou ainda, ambos os processos (ter causa e gerar consequência de cunho psicológico – e não necessariamente ter causa e/ou efeito de substrato orgânico/material). Dito de outro modo: "Embora o fenômeno esteja relacionado à clínica psiquiátrica, o mesmo não é contraditório ao diagnóstico psicanalítico. Ao contrário, é a partir dos fenômenos que podemos ter acesso à estrutura do sujeito" (Loures; Fernandes, 2015, p. 286).

Para concluir, me permitirei fazer uma citação direta mais longa, pois necessária, elucidativa e concludente:

[...] "Otto" chega marcado por vários diagnósticos psiquiátricos que precipitaram sua segregação. De saída, as nomenclaturas excluíam o sujeito, privilegiando a dimensão sintomática, sem, no entanto, possibilitar alguma via de tratamento. A entrada da escuta psicanalítica favoreceu o acolhimento do sujeito mesmo diante de sua precariedade simbólica e de sua tendência agressiva. Para além da querela diagnóstica, foi o lugar conferido a esse sujeito que possibilitou as operações clínicas, permitindo uma passagem da condição do intratável para o tratável.

Quando a analista interpela Otto a respeito de seus atos agressivos, ao mesmo tempo lhe confere um lugar, justamente no momento em que ele pergunta se seria expulso do serviço. Ao dar a voz a Otto, a analista possibilita a ele, enquanto sujeito, poder falar do seu próprio sofrimento e, consequentemente, inaugura um novo momento na história dele na instituição.

O pedido de uma supervisão clínica por parte da analista, envolvendo toda a equipe do serviço, esvaziou sua posição de saber sobre o caso e a ênfase exclusiva no diagnóstico, seja ele fenomenológico ou estrutural. Ocupando essa posição, a analista consentiu com o não saber, permitindo que toda a equipe pudesse saber não saber. A partir da construção do caso, foi possível traçar uma direção para o tratamento por meio da disponibilidade de escuta (Loures; Fernandes, 2015, p. 292).

Psicanálise, epigenética, neuroplasticidade e neuromodulação

Neste tópico a intenção é definir cada um dos três conceitos e de que forma eles podem ser compreendidos em interação, entre si e com a Psicanálise.

A epigenética pode ser considerada como “[...] a interação entre a herança genética do indivíduo e os fatores ambientais, analisando esse processo como alterações intracelulares na expressão do material genético do organismo, que culminam na determinação das características exibidas pelo indivíduo” (Freitas-Silva; Ortega, 2014, p. 768).

A neuroplasticidade seria a capacidade adaptativa do cérebro, também conhecida como plasticidade cerebral. De acordo com Ansermet (2014, p. 3), “A rede sináptica se revela como uma matéria modulável, em perpétuo rearranjo, pois a experiência do sujeito deixa um rastro funcional e estrutural no cérebro”.

Neuromodulação é a ação de modular os neurônios; e modular tem a ver com articular, no sentido de organizar. Dessa maneira, neuromodulação seria a ação de (re)organizar os neurônios por meio de eletroestimulação. Segundo Neto (2022), a neuromodulação faz uso terapêutico da aplicação de campos eletromagnéticos para modular o sistema nervoso – técnica denominada, atualmente, por Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua.

Cada uma das três searas de conhecimento, anteriormente definidas, são neófitas e, por isso mesmo, com muitos conhecimentos a serem amadurecidos; o que dirá a compreensão de suas possíveis relações! Um desafio ainda maior. Porém, apresento, a seguir, uma possibilidade, mesmo que sucinta, de analisar os três campos de modo integrativo.

O Centro de Pesquisa e Análises Heráclito – instituição de pesquisas que criou o *Genetic Intelligence Project* (GIP) – aponta “[...] evidências sobre as interações entre fatores epigenéticos e mecanismos neuroplásticos no contexto de processos cognitivos, com especial enfoque em transtornos neuropsiquiátricos como esquizofrenia, depressão e transtorno bipolar” (CPAH, 2024). Dentre as evidências dos possíveis benefícios de tais interações tem-se: “[...] modulação de circuitos neurais associados à memória, aprendizado e emoções [...]”; “[...] formação e manutenção de novas conexões sinápticas, essenciais para o aprendizado e a memória [...]”; “[...] consolidação de memórias de longo prazo [...]”; “[...] modulam a expressão de genes associados à resposta ao estresse [...]”; e “[...] adaptação comportamental”.

A nossa expressão gênica não é algo dado *a priori*, pronta, definida. Ela sofre interferências do ambiente que vivemos, incluindo aí nossas atitudes (pensamentos, falas e ações) frente às imprevisibilidades da vida [epigenética]. E a cada alteração, bilateral – da nossa biologia, bem como dos nossos estados psíquicos

– tem-se um ganho em complexidade fruto da nossa alta capacidade adaptativa [neuroplasticidade]. E, “O psiquismo humano representa o ápice dessa capacidade de autorregulação corporal [...]” (Soussumi, 2020, p. 296).

Porém, “Existe um limite para o organismo suportar o desequilíbrio de seu meio interno, limite esse que é próprio de cada organismo, varia de indivíduo para indivíduo em função de suas peculiaridades, de suas características constitucionais” (Soussumi, 2020, p. 293). Quando alcançamos – e até mesmo extrapolamos esse limite – somos acometidos pelos mais variados traumas (psíquicos e psicossomáticos), necessitando assim de auxílio das mais variadas formas, de acordo com a necessidade pertinente: a exemplo da psiquiatria, da psicanálise; ou as recentes técnicas de neuromodulação.

Enfim, Ansermet (2014) nos diz que “[...] o fenômeno da plasticidade cerebral tem como resultado fazer de cada um alguém único” (p. 3), afinal cada um se adapta, inclusive autoneuromodulando-se, conforme suas necessidades íntimas. Nesse sentido, e já concluindo, buscando relacionar os conceitos aqui abordados com a Psicanálise: “A penetrância e a expressividade dos genes se revelam depender de maneira importante das particularidades da experiência do sujeito, o que poderia levar a fazer do psicanalista – por que não? – um praticante da epigênese” (p. 3). Assim, o psicanalista pode ser identificado como um “[...] praticante do imprevisível” (p. 5) por ter a condição de conduzir “[...] o real do inconsciente aos limites do real da ciência [...]” (p. 5).

EPÍLOGO

O objetivo do presente trabalho foi oferecer um panorama introdutório concernente aos fundamentos filosóficos da Psicanálise e, em sentido inverso e complementar, como a Filosofia pode contribuir em um processo terapêutico psicanalítico.

Nos dois capítulos que constituem a primeira parte do livro (Filosofia e Psicanálise: interações fundamentais e edificantes) foi possível apreender as bases filosóficas da Psicanálise e seu nexos com a Filosofia da Mente e a Fenomenologia. Nos três capítulos que constituem a segunda parte do livro (Psicanálise: teoria, método e *in situ*) foi possível apreender a teoria e o método psicanalíticos e como a Psicanálise se situa na prática clínica, relacionando-se, inclusive, com outras vertentes psicoterapêuticas e searas científicas.

A Filosofia é a arte da fala, enquanto expressão dos pensamentos. A Psicanálise é, sobretudo, a arte da escuta. Digo arte pois, de acordo com Rosa (2000, p. 104), “[...] a função psicanalítica da mente estava presente em trabalhos de escritores, poetas e filósofos” muito antes de fazer parte das Ciências do Espírito, isto é, as Ciências Humanas (Dilthey, 2015) – sobretudo a Psicologia e a Filosofia.

Psicanálise e Filosofia: a arte de transitar entre a escuta e a fala. A fala e a escuta dos pensamentos próprios e de outrem. Portanto, o psicanalista – os psicoterapeutas de modo geral – seria aquele que aprende, permanentemente, a se colocar entremeio a escuta e a fala: um mediador; um médium; a ponte para a travessia, ou o encontro consigo mesmo:

[...] a análise e relação com o psicanalista termina, mas a nossa análise pessoal, a auto-análise, permanece enquanto estamos vivos. A vida tem essa característica desafiadora, quem sabe até bonita e também poética, que é o fato de estar sempre nos defrontando com angústias e conflitos. Não podemos cancelar esse destino (Rosa, 2000, p. 114).

Concluo este livro com um excerto do filósofo kemético,¹ Amenemope, datado do ano 1290 antes da encarnação de Jesus neste planeta, que escreveu “[...] um dos exemplos mais simples da filosofia ética egípcia antiga. As Instruções, ou Seboyet, muitas vezes referidas como Sabedoria [...]” (Asante, 2022, p. 140): “Dê seus ouvidos, ouça o que é dito, permita que seu coração compreenda. Vale a pena deixar essas palavras entrarem em seu coração, mas ignorá-las é prejudicial”.

¹ Kemético: aquele que é oriundo do *Kemet* (*kmt*), que traduzido para o nosso idioma significa: terra dos homens pretos. Conhecemos *Kemet* por Egito, mais precisamente o Egito Antigo.

“A ligação entre a filosofia e a psicanálise pode ser vista como uma busca comum pela verdade, ainda que com ferramentas diferentes. Enquanto a filosofia tradicionalmente foca em uma análise racional, a psicanálise se debruça sobre o que está além da razão – os aspectos irracionais e emocionais que movem o ser humano”.
(<https://onlinepsicanalise.com.br/a-relacao-entre-filosofia-e-psicanalise/>)

“A “pulsão epistemofílica”, termo utilizado por Freud, refere-se ao desejo inato de conhecer e entender o mundo, algo presente desde a infância. Tal curiosidade está no cerne da filosofia e, curiosamente, também no da psicanálise”.
(Bózio, 2024)

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRACE – Programas Preventivos. **A ira de um anjo**. 2017. 1 vídeo (27 min. 28 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WV5iyq6MOw8>. Acesso em: 15 out. 2025.

AIRES, Suely. Atos falhos: interpretação e significação. **Revista Natureza Humana**, São Paulo/SP, v. 19, n. 1, p. 24-37, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v19n1/v19n1a03.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

ALLPORT, Gordon William. Prefácio à edição norte americana - de 1984. *In*: FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre/RS: Sulina, 1987, p. 8-12. Disponível em: <https://dlivros.com/livro/busca-sentido-viktor-frankl>. Acesso em: 29 out. 2025.

ALVES, Marcos Antonio. Uma análise crítica das relações entre cognição, paixões e ação na perspectiva cartesiana. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rey, v. 16, p. 55-74, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33039577/Uma_an%C3%A1lise_cr%C3%ADtica_das_rela%C3%A7%C3%B5es_entre_cogni%C3%A7%C3%A3o_paix%C3%B5es_e_a%C3%A7%C3%A3o_na_perspectiva_cartesiana. Acesso em: 23 abr. 2025.

ÂNGELIS, Joanna de. **Jesus e Atualidade**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 1. Salvador: LEAL, 2021a.

ÂNGELIS, Joanna de. **O Ser Consciente**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 5. Salvador: LEAL, 2021b.

ÂNGELIS, Joanna de. **Triunfo Pessoal**. Psicografado por Divaldo Pereira Franco. Série Psicológica, volume 12. Salvador: LEAL, 2021c.

ANSERMET, François. Medicina e Psicanálise: elogio do mal-entendido. **Opção Lacaniana online**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 1-5, 2014. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_13/Medicina_e_psicanalise.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

ARANTES, Cléber Agnaldo. **Ponto de Mutação**. Cola da Web, s/d. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/filosofia/ponto-de-mutacao>. Acesso em: 19 maio 2025.

ARAUJO, Álvaro Cabral; NETO, Francisco Lotufo. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, Barão Geraldo/SP, v. XVI, n. 1, p. 67-82, 2014. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7691625/mod_resource/content/1/Arendt%2C%20Hannah.%20Eichmann%20em%20Jerusalem.pdf. Acesso em: 17 mar. 2025.

ARREGUY, Marília Etienne. A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro/RJ, v. 20, n. 4, p. 1267-1292, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/nXVCbfJ6s3MbzKLJZVwHMGC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

ASANTE, Molefi Kete. **Os filósofos egípcios**: vozes ancestrais africanas de Imhotep à Akhenaten. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

ASSIS, Machado. **O Alienista**. Frederico Westphalen/RS: Vitrola Editora, 2022.

BERNARDES, Walesca de Lima Faria. Como se forma um psicanalista? **Reverso**, Belo Horizonte/MG, v. 41, n. 77, p. 111-118, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n77/v41n77a14.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BERTONI, Paulo Gilberto. Uma nota sobre as paixões em Descartes: psicologia filosófica e história da Psicologia. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis/SP, v. 14, n. 2, p. 01-09, 2015. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v14n2/a01.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

BERTRAND, Lino. **O que é a psicologia analítica de Jung e suas diferenças em relação à psicanálise de Freud**. São Paulo/SP: Editora Jung na Prática, 2021. Disponível em: https://www.jungnapratica.com.br/wp-content/uploads/2018/10/ebook_psicologia_analitica_Jung_psicanalise_freud.pdf. Acesso em: 11 set. 2025.

BOCCA, Francisco Verardi. Histeria: primeiras formulações teóricas de Freud. **Psicologia USP**, São Paulo/SP, v. 22, n. 4, p. 879-906, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Ngg6f3Wzpmqm6LfSTqWTVcw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2025.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias - uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo/SP: Editora Saraiva, 2001. Disponível em: <https://www.unirio.br/cchs/ess/Members/raquel.moratori/teorias-psicologicas/psicologias-uma-introducao-ao-estudo-de-psicologia/view>. Acesso em: 14 ago. 2025.

BÓZIO, Leonid Ronald. **A relação entre Filosofia e Psicanálise**: dois caminhos rumo ao conhecimento. Brasília, 2024. Disponível em: <https://onlinepsicanalise.com.br/a-relacao-entre-filosofia-e-psicanalise/>. Acesso em: 13 nov. 2025.

BRITO, Evandro O. Franz Brentano e a descrição dos atos psíquicos intencionais: uma exposição esquemática do manuscrito Psychognosie de 1890. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 1, n. 1, p. 87-114, 2012. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/164/150>. Acesso em: 16 mar. 2025.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Freud e Jung**: dois opostos que formam um todo. Palestra proferida no evento em comemoração ao centenário de Jung. MASP – Museu de Arte de São Paulo, 1975. Disponível em: https://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/freud_e_jung_dois_opostos_que_formam_um_todo.pdf. Acesso em: 17 set. 2025.

CANAL, Rodrigo. **Sobre a Filosofia da Mente de John Searle**. 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília/SP, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/30121e8f-67ee-4647-9459-4b890008c748/content>. Acesso em: 23 maio 2025.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação** - A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/104445428/CAPRA_Fritjof_O_Ponto_de_Muta%C3%A7%C3%A3o_A_ci%C3%Aancia_a_sociedade_e_a_cultura_emergente. Acesso em: 21 maio 2025.

CARLONI, Paola Regina. A história e a constituição da psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana. **Revista Uniaraguaia**, Goiânia/GO, p. 1-12, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/237009743.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2025.

CARVALHO, Vitor Orquiza; HONDA, Helio. Fundamentos da associação livre: uma valorização da técnica da psicanálise. **Revista Analytica**, São João del-Rei/MG, v. 6, n. 1, p. 47-56, 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n10/05.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CASTAÑÓN, Gustavo Arja. John Searle e o cognitivismo. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 96-109, 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v8/v8a11.pdf>. Acesso em: 23 maio 2025.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/0B50LJCYPzG6TnM15UxMY2x5d-nc?resourcekey=0-FCelVfkO80smLHfJWUd71g>. Acesso em: 30 maio 2025.

COELHO, Bruno Tenório. Uma Introdução à filosofia da mente, de André Leclerc. **Princípios: Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 53, p. 227-244, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/18284/12948>. Acesso em: 22 abr. 2025.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto. Merleau-Ponty e o primado da percepção: diálogos com a Psicanálise. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 15/16, n. 1/2, p. 11-25, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11129>. Acesso em: 26 mar. 2025.

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com Crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Disponível em: <https://docero.tips/download/psicanalise-com-criancasteresinha-costa-xyz3we0q4y?hash=16cac22ba458cd078060b63622c53ff6>. Acesso em: 15 out. 2025.

CPAH – Centro de Pesquisa e Análises Heráclito. **Análise das interações epigenéticas e neurolásticas em processos cognitivos**: evidências e implicações para o entendimento de transtornos neuropsiquiátricos. 2024. Disponível em: <https://cpah.com.br/coluna/neurociencias/analise-das-interacoes-epigeneticas-e-neurolasticas-em-processos-cognitivos-evidencias-e-implicacoes-para-o-entendimento-de-transtornos-neuropsiquiatricos/>. Acesso em: 28 out. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2019. Disponível em: <https://membros.analysispsicologia.com.br/wp-content/uploads/2024/06/Psicopatologia-Paulo-Dalgalarrendo.pdf>. Acesso em: 02 set. 2025.

DECOTELLI, André Miranda. O corpo e sua função condicional no Fédon de Platão. **Revista Contemporânea**, Porto Alegre, n. 12, p. 81-95, 2015. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/84/86>. Acesso em: 16 mar. 2025.

DENNETT, Daniel Clement. **Brainchildren**: essays on designing minds. Cambridge: A Bradford Book / The MIT Press, 1998. Disponível em: <https://dn721905.ca.archive.org/0/items/daniel-c.-dennett-brain-children/Daniel%20C.%20Dennett%20-%20Brain%20Children.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma** (p. 228-233). Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1979. Disponível em: <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/Descartes-Paixoes-I-30-43.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

DIDATICS. **Estrutura da Personalidade**: Id, Ego e Superego. Vídeo 2, 2017. 1 vídeo (11 min. 26 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MZxykE_YihI. Acesso em: 15 ago. 2025.

DIDATICS. **JUNG (1)** – Inconsciente Coletivo. Série Psicologia Analítica. Vídeo 1, 2018. 1 vídeo (08 min. 31 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUG3DXZcvks>. Acesso em: 11 set. 2025.

DILTHEY, Wilhelm Christian Ludwig. **Introducción a las Ciencias del Espíritu**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2015. Disponível em: <https://zlib.pub/book/introduccion-a-las-ciencias-del-espiritu-621p2vgvafm0>. Acesso em: 16 nov. 2025.

DUNKER, Christian. **Qual é a diferença entre psicologia, psicanálise e psiquiatria?** Série Falando Nisso, 03, 2016a. 1 vídeo (04 min. 59 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FjYvwYuCsDE>. Acesso em: 14 ago. 2025.

DUNKER, Christian. **Como se dá a ética da psicanálise com sua prática?** Série Falando Nisso, 11, 2016b. 1 vídeo (05 min. 39 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-PHfnOEgLBA>. Acesso em: 12 ago. 2025.

DUNKER, Christian. **Psicanálise é ciência? Ou pseudociência?** Série Falando Nisso, 126, 2017. 1 vídeo (18 min. 45 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x_6N-MVGGBQE. Acesso em: 12 ago. 2025.

DUNKER, Christian. **Questões entre a psicanálise e o DSM.** Casa do Saber, 2018. 1 vídeo (9 min. 23 seg.). Disponível em: <https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=DUNKER%2C+Christian.+Quest%C3%B5es+entre+a+psican%C3%A1lise+e+o+DSM.+Casa+do+Saber.+YOUTUBE.&type=E211BR105G0#id=1&vid=e24cb213-5c487485e4517f2339723bbc&action=click>. Acesso em: 08 set. 2025.

DUNKER, Christian. **Qual é a REAL diferença entre psicologia e psicanálise?** Série Falando Nisso, 270, 2020. 1 vídeo (19 min. 48 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewn8DBJ-Viw>. Acesso em: 12 ago. 2025.

ESCOLHAS (curta animado). De Daniel Martínez Lara & Rafa Cano Méndez. CGMeetup, 2020. 1 vídeo (06min. 46seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Rsj_z43oNRk. Acesso em: 16 mar. 2025.

ESCRITORES DA LIBERDADE (longa-metragem). Direção e Roteiro: Richard LaGravenese, 2007. 1 vídeo (124 min.). Trecho do filme (29min – 37min51seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZjbFcbsHMmY>. Acesso em: 23 maio 2025.

FAVILLI, Myrna Pia. Os desafios da clínica: um analista construindo seu itinerário. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 46, n. 84, p. 27-37, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v46n84/v46n84a04.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, p. 441-447, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YPGVfdBZz-VfsgXYKQtHyYcN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 mar. 2025.

FERNANDES, Felipe. A relação entre Mente e Corpo na Ética de Espinosa: em torno da noção de paralelismo. **Revista Conatus**, Fortaleza/CE, v. 10, n. 19, p. 19-24, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7037367>. Acesso em: 23 maio 2025.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; TENÓRIO Fernando. O diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo/SP, v. 1, p. 29-43, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pC6HnGVLHk7pdmHkkcz8RqJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 set. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Porto Alegre/RS: Sulina, 1987. Disponível em: <https://dlivros.com/livro/busca-sentido-viktor-frankl>. Acesso em: 29 out. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990. Disponível em: <https://z-library.sk/book/2885447/8858d7/psicoterapia-para-todos.html>. Acesso em: 29 out. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **A psicoterapia na prática**. Campinas/SP: Papirus, 1991. Disponível em: <https://epage.pub/download/a-psicoterapia-na-pratica-3542kr88m2?hash=c576fe9294f373eab5b59b46148428fb>. Acesso em: 29 out. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e Sentido da Vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2016.

FREITAS-SILVA, Luna Rodrigues; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. A epigenética como nova hipótese etiológica no campo psiquiátrico contemporâneo. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 765-786, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/bmZjxdjLrmGWpdHJp6prK7N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2025.

FREUD, Sigmund. **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910)**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da Psicanálise (1917). In: FREUD, Sigmund. **Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2019, p. 85-90. Disponível em: https://www.academia.edu/126169504/FREUD_Sigmund_Obras_Completas_Imago_Vol_17_1917_1918_Hist%C3%B3ria_de_uma_neurose_infantil_e_outros_trabalhos. Acesso em: 15 nov. 2025.

GÊNIO INDOMÁVEL (longa-metragem). Diretor: Gus Van Sant. Roteiro: Matt Damon e Ben Affleck, 1997. 1 vídeo (126 min.). Trecho do filme (46min20seg – 50min55seg). Disponível em: https://youtu.be/LowuyZ3_B84. Acesso em: 26 mar. 2025.

GONÇALVES, Davidson Sepini. O sentimento de culpa em Freud: entre a angústia e o desejo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 278-291, 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v25n1/v25n1a16.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

GONÇALVES, Rômulo dos Santos. **Resumo de “O Ponto de Mutação” por Fritjof Capra:** Uma Exploração Interdisciplinar da Crise Global. Livros em Resumo, 2024. Disponível em: <https://livrosemresumo.com.br/literatura/resumo-de-o-ponto-de-mutacao-por-fritjof-capra-uma-exploracao-interdisciplinar-da-crise-global>. Acesso em: 19 maio 2025.

GUERRA, Maria Helena Mandacarú. **Jung e Freud:** opostos ou complementares? Jung na Prática, 2017. Disponível em: <https://jungnopratica.com.br/jung-freud-opostos-complementares/>. Acesso em: 17 set. 2025.

GUERRA, Ediel Azevêdo; LANGLAIS, Heloína Araujo de; GUERRA, Leda Maria de Almeida. Condição Humana e Sofrimento Psíquico para Além do DSM. In: SIMÕES, Alexandre; GONÇALVES, Gesianni. **Psicanálise e Psicopatologia:** Olhares Contemporâneos. São Paulo/SP: Blucher, 2019, p. 145-154. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/11-21535/>. Acesso em: 08 set. 2025.

GUZMÁN, Marcelo Chapa; DERZI, Carla de Abreu Machado. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. **Revista Subjetividades**, Fortaleza/CE, v. 21, n. 1, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v21n1/02.pdf>. Acesso em: 08 set. 2025.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.** Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2006. Disponível em: <https://vdoc.pub/download/ideias-para-uma-fenomenologia-pura-e-para-uma-filosofia-fenomenologica-16cs0ed-6j7u0>. Acesso em: 01 abr. 2025.

INSTITUTO DE PSICANÁLISE *IN SITU* DO BRASIL (IPIS-BR). **Editorial.** Informativo mensal IPIS-BR. Edição 1, Volume 1. 2025. Disponível em: <https://heyzine.com/flip-book/19d1ecffce.html>. Acesso em: 12 nov. 2025.

ITOKAZU, Ericka Marie. A filosofia espinosana para além do corpo-máquina: o paralelismo em questão. **Cadernos Espinosanos**, São Paulo/SP, n. 15, p. 111-137, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/espinosanos/article/view/88983/91831>. Acesso em: 23 maio 2025.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise:** de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/818135336/Fundamentos-Da-Psicanalise-De-Freud-a-Lacan>. Acesso em: 16 ago. 2025.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos Experimentais.** Obras Completas, Volume 2. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, Carl Gustav. **Escritos Diversos.** Obras Completas, Volume 11/6. Petrópolis: Vozes, 2012b.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. Obras Completas, Volume 12. Petrópolis: Vozes, 2012c.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. Obras Completas, Volume 4. Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas, Volume 6. Petrópolis: Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav. **Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. Obras Completas, Volume 9/2. Petrópolis: Vozes, 2013c.

JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Obras Completas, Volume 10/3. Petrópolis: Vozes, 2013d.

JUNG, Carl Gustav. **Interpretação psicológica do Dogma da Trindade**. Obras Completas, Volume 11/2. Petrópolis: Vozes, 2013e.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião Oriental**. Obras Completas, Volume 11/5. Petrópolis: Vozes, 2013f.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Obras Completas, Volume 16/1. Petrópolis: Vozes, 2013g.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas, Volume 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 2021.

LEITE, Marco. **A regra fundamental: o que produz uma psicanálise?** Psicanálise, 2020. 1 vídeo (15 min. 23 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aZuh_vh1VU. Acesso em: 27 ago. 2025.

LOURES, Natália Raquel Pereira; FERNANDES, Paula Brant. A soberania da clínica: além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Estilos Clínica**, São Paulo/SP, v. 20, n. 2, p. 279-295, 2015. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n2/a08v20n2.pdf>. Acesso em: 29 set. 2025.

MARCELLOS, Cíntia Fernandes; ARAUJO, Saulo de Freitas. A questão da consciência na Psicologia de Wilhelm Wundt. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 311-332, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844634016.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MIELE, Paola. Uma nota sobre a diferenciação estrutural de Freud entre neurose e perversão. **Reverso**, Belo Horizonte/MG, v. 34, n. 63, p. 91-102, 2012. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v34n63/v34n63a11.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MIGUENS, Sofia. Daniel Dennett: a Filosofia da Mente como inquérito impuro. *In*: Encontro de Filosofia - Princípio de Filosofia: natureza, homem, pensamento, 13., 1999, Coimbra/PT. **Anais...** Coimbra/PT: Associação de Professores de Filosofia. 1999, p. 3-27. Disponível em: https://apfilosofia.org/wp-content/uploads/2017/06/SofiaMiguens_Dannett.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

MIGUENS, Sofia. Os problemas da filosofia da mente. **Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Portugueses**, Minho/PT, n. 20.2, p. 9-30, 2006. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/50219/2/sofiamiguensproblemas2006000115523.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida. A transferência de Freud. **Revista Estilos da Clínica**, São Paulo/SP, v. 4, n. 7, p. 159-168, 1999. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v4n7/16.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MORAES, Francisco. Alma e movimento em Aristóteles. **Anais de Filosofia Clássica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 21-42, 2019. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/MORAEM-6>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; MOSQUEIRO, Bruno Paz; BHUGRA, Dinesh. **Spirituality and Mental Health Across Cultures**. New York: Oxford Cultural Psychiatry, 2021.

MYSSIOR, Sílvia G.; MACHADO, Zilda. O que será da atividade das crianças? Notas sobre a hiperatividade. *In*: SIMÕES, Alexandre; GOLÇALVES, Gesianni. **Psicanálise e Psicopatologia: Olhares contemporâneos**. São Paulo/SP: Blucher, 2019, p. 113-121. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9788580393873/completo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

NÁPOLI, Lucas. **Neurose, psicose e perversão**. 2017. 1 vídeo (10 min. 53 seg.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XXzz_xC62Vs. Acesso em: 21 ago. 2025.

NÁPOLI, Lucas. **Histeria e Psicanálise**. Aula 1, 2021a. 1 vídeo (20 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UTALYMTP6BE>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NÁPOLI, Lucas. **Histeria e Psicanálise**. Aula 2, 2021b. 1 vídeo (18 min. 12 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RO0CVh3jDe4>. Acesso em: 19 ago. 2025.

NÁPOLI, Lucas. **Entenda por que os psicanalistas ficam em silêncio**. 2021c. 1 vídeo (9 min. 28 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UyfAhH9cPGE>. Acesso em: 08 set. 2025.

NASIO, Juan-David. **Um psicanalista no divã**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/36259607/J_D_Nasio_Um_psicanalista_no_div%C3%A3_pdf. Acesso em: 12 ago. 2025.

NETO, Joaquim Brasil. **História da Neuromodulação**. Sociedade Brasileira de Neuromodulação – SBNM, 2022. 1 vídeo (2 min. 48 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Z0qaBSHZfU>. Acesso em: 28 out. 2025.

OLIVEIRA, Anamar Moncavo. A psicologia de Platão: sobre a teoria da psyché (alma) humana no diálogo Fedro, a partir das categorias do apolíneo e do dionisíaco. **Plêthos**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 176-196, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/vol2num1/13anamar.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2025.

OLIVEIRA, Marcos de. **Minicurso**: o conceito de trauma na psicanálise. Conexão Saber, 2021. 1 vídeo (33 min. 20 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bpebrew1Q0o>. Acesso em: 08 set. 2025.

OLIVEIRA, Humberto Moacir de; NEVES, Tiago Iwasawa. Considerações sobre a formação do analista: ética, saber e transmissão. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro/RJ, v. 35, n. 28, p. 91-110, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n28/a06.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2025.

O PONTO DE MUTAÇÃO (Longa-metragem). Dirigido por Bernt Amadeus Capra. **Overseas Filmgroup**, 1990. 1 vídeo (111 min. 08 seg.). Disponível em: https://youtu.be/Q-c5_xnRsTI. Acesso em: 23 abr. 2025.

PADOVAN, Caio; DARRIBA, Vinicius. A noção de psicanálise aplicada nos primeiros anos do movimento psicanalítico. **Revista Psicologia USP**, São Paulo/SP, v. 27, n. 1, p. 104-114, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/VJzVNB4dq4WJjmfDstvTfPR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2025.

PAIM, Fernando Free; IBERTIS, Carlota Maria. A hipnose e o método catártico como primeiros caminhos à descoberta da associação livre. **Disciplinarum Scientia - Ciências da Saúde**, Santa Maria/RS, v. 7, n. 1, p. 139-152, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarum5/article/viewFile/911/855>. Acesso em: 27 ago. 2025.

PALHARES, Leandro Ribeiro. Psicologia Espírita: a realização do si-mesmo pelo Evangelho de Jesus. In: Congresso de Iniciação à Ciência Espírita, 8., 2021, Santa Rita do Sapucaí/MG. **Anais...** Santa Rita do Sapucaí/MG: Lar Espírita Mãos de Amor – LEMA. 2021, p. 106-113. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1JagYm8L8swHxI83sdViyLSyAAy3Ig6ul/view>. Acesso em: 12 nov. 2025.

PALHARES, Leandro Ribeiro. **Filosofia Espírita**. Ponta Grossa/PR: Atena, 2025. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/filosofia-espirita>. Acesso em: 03 nov. 2025.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro/RJ, v. 21, n. 2, p. 371-385, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/t5bcvn4DdfscxmMQBbZ4t3d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mai. 2025.

PEREIRA, Ivo Studart. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 125-136, 2007. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v18n1/v18n1a07.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

PERON, Paula Regina. Trauma e clínica psicanalítica. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo/SP, n. 1, a. 6, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/05/22/caso-clinico-trauma-e-clinica-psicanalitica/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

PERTERS, Francis Edward. **Termos Filosóficos Gregos**: Um léxico histórico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/431102109/Termos-Filosoficos-Gregos-Um-Lexico-Historico-F-E-Peters>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PIRES, Jesuino Junior. Considerações sobre o conceito de intencionalidade em Edmund Husserl. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, Marília/SP, v. 4, n. 7, p. 286-302, 2012. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4471>. Acesso em: 26 mar. 2025.

RABUSKE, Anelise Scheuer. Os chistes, o humor e algumas relações com os mecanismos dos sonhos. **Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre/RS, Publicações: Artigos, p. 1-4, 2011. Disponível em: <https://circulopsicanaliticors.com.br/publicacoes/artigos/7/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

RAMOS, Luís Marcelo Alves. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas/SP, v. 6, n. 2, p. 110-144, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616/631>. Acesso em: 11 set. 2025.

RAMOS, Hans Magno Alves. O Corpo e a temperança na Ética a Nicômaco. **Theoria**, Pouso Alegre/MG, v. 1, n. 2, p. 67-78, 2009. Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao0209/o_corpo_e_a_temperanca.pdf. Acesso em: 26 mar. 2025.

REGO, Gabriel Drumond. **Resenha Crítica aprofundada - Filme: O Ponto de Mutação**. SO-CIUS – Sociologia e Direito, 2021. Disponível em: <https://sociologiadodireitounesp.blogspot.com/2021/07/resenha-critica-aprofundada-filme-o.html>. Acesso em: 19 mai. 2025.

REINA, Alessandro. **Método Psicanalítico**. Batatais/SP: Claretiano, 2022a.

REINA, Alessandro. **Teoria Psicanalítica**. Batatais/SP: Claretiano, 2022b.

REINA, Alessandro. **Projeto Político Pedagógico Especialização – Lato Sensu Curso de Pós-Graduação Psicanálise e Filosofia 2022-2025**. Batatais/SP: Claretiano, 2025. Disponível em: https://r.search.yahoo.com/_ylt=AwrEqWOWcxdp7QEAsTrz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZjEEc-G9zAzMEdnRpZAMEc2VjA3Ny/RV=2/RE=1764354225/RO=10/RU=https%3a%2f%2f-web-api-claretiano-edu-br.s3.amazonaws.com%2fvestibular%2fcursos%2f6155f287ae3a18693dd7dd3e-6490a28b9667967ec6858666%2fprojetoPedagogico.pdf/RK=2/RS=Negax-9AmdTeTTBCgfdENwrMJLKQ-. Acesso em: 13 nov. 2025.

REINA, Dania Messmar. **Psicanálise In Situ**. Batatais/SP: Claretiano, 2022.

REZENDE, Edson Teixeira de. **Fenomenologia e Filosofia da Mente**. Batatais/SP: Claretiano, 2022a.

REZENDE, Edson Teixeira de. **Fundamentos Filosóficos da Psicanálise**. Batatais/SP: Claretiano, 2022b.

RIBEIRO, Maria Mazzarello Cotta. Do trágico ao drama, salve-se pelo humor! **Estudos de Psicanálise**, Salvador/BA, n. 31, p. 103-112, 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a13.pdf>. Acesso em: 05 set. 2025.

RIBEIRO, Diana Pancini de Sá Antunes; AMARAL, Henrique Uva do. O silêncio na clínica psicanalítica a partir das concepções de Donald Winnicott e Wilhelm Reich. **Natureza Humana**, São Paulo/SP, v. 18, n. 1, p. 69-96, 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v18n1/v18n1a05.pdf>. Acesso em: 08 set. 2025.

ROBINSON, Thomas M. As características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão. **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 2, p. 335-356, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73743/77409>. Acesso em: 16 mar. 2025.

RODRIGUES, Cláudia Ferreira Melo; LEITE, Cláudia Aparecida de Oliveira; GONTIJO, Rogéria Araújo Guimarães. O único não cabe no manual. In: SIMÕES, Alexandre; GOLÇALVES, Gesiani. **Psicanálise e Psicopatologia: Olhares contemporâneos**. São Paulo/SP: Blucher, 2019. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9788580393873/completo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

ROSA, Marco Aurélio. Psicanálise e Filosofia: Reflexões. In: MIRANDA, Nilson; FRANCISCHELLI, Leonardo Adalberto. **Cruzamentos: psicanálise, filosofia, política, ética**. Porto Alegre/RS: Criação Humana, 2000, p. 103-118.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUFINO, Reginaldo. **Legislação que ampara o exercício da ocupação de psicanalista no Brasil**. Recife/PE: ABEPE, 2016. Disponível em: <https://www.abepepsi.com.br/legislacao-do-psi-canalista>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SANTOS, José Trindade. Sujeito epistêmico, sujeito psíquico na filosofia platônica. **Revista Phainomenon**, Lisboa, v. 11, p. 45-59, 2006. Disponível em: <https://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/91/66>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SEARLE, John Rogers. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Disponível em: <https://vdoc.pub/download/intencionalidade-20s231i40aug>. Acesso em: 02 jun. 2025.

SILVA, Thiago Quirino. **O projeto hilemórfico do de Anima de Aristóteles**: ensaio sobre seus alcances e dificuldades na investigação sobre a alma. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167587/340423.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SILVEIRA, Nise da. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

SIQUEIRA, Érica de Sá Earp. A depressão e o desejo na psicanálise. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 71-80, abr., 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10949/8647>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUSSUMI, Yusaku. O corpo sensível e a lógica da vida: neuropsicanálise. In: NAZARETH, Eliana Riberti; BÉJAR, Victoria Regina. **Imunidade, Memória, Trauma**: contribuições da neuropsicanálise, aportes da psicossomática psicanalítica. São Paulo/SP: Blucher, 2020, p. 282-303. Disponível em: <https://zoboko.com/download-pdf/g2vdn508/imunidade-memoria-trauma-contribuioes-da-neuropsicanalise-aportes-da-psicossomatica?hash=ae7e322c5e3d-2b0a8254b9803eaf72ef>. Acesso em: 15 out. 2025.

SOUTO, Ricardo Pinho; NETO, José de Sá de Araújo. Consciência e Intencionalidade na Fenomenologia de Edmund Husserl. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 20, n. 1, p. 95-112, 2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1663/1418>. Acesso em: 26 mar. 2025.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. **Analytica**, São João del-Rei, v. 5, n. 9, p. 69-85, 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n9/07.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2009.

STERNICK, Mara Viana de Castro; GRECO, Marcela Baccarini Pacífico; BORGES, Ronan. Do laço ao embarço: psiquiatria, psicopatologia e psicanálise. In: SIMÕES, Alexandre; GOLÇALVES, Gesianni. **Psicanálise e Psicopatologia: Olhares contemporâneos**. São Paulo/SP: Blucher, 2019, p. 8-20. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9788580393873/completo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. **Revista Abordagem Gestalt**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 241-246, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 abr. 2020.

SZAJNBOK, Marcia. A psicanálise e o futuro da psiquiatria. **JORNAL de PSICANÁLISE**, São Paulo/SP, v. 46, n. 85, p. 89-98, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v46n85/v46n85a10.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **O que é Filosofia da Mente?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/293/o%20que%20e%20filosofia%20da%20mente.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 abr. 2025.

TEODORO, Elizabeth Fátima. DSM-5: um marca(dor) da mordada do *pathos* no contemporâneo. In: SIMÕES, Alexandre; GOLÇALVES, Gesianni. **Psicanálise e Psicopatologia: Olhares contemporâneos**. São Paulo/SP: Blucher, 2019, p. 135-143. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9788580393873/completo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

WUNDT, Wilhelm Maximilian. **Esboços de Psicologia**. Tradução do original: *Outlines of Psychology*. Leipzig: GE STECHERT & CO., 1907. Disponível em: <https://psychologie.lw.uni-leipzig.de/wundt/opera/wundt/OLiPsych/OLiPsyIn.htm>. Acesso em: 17 mar. 2025.

ZIMMERMAN, David Epelbaum. **Manual de Técnica Psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre/RS: Artmed, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/36329218/MANUAL_DE_TECNICA_PSICANALITICA_UMA_REVIS%C3%83O_ZIMMERMAN_pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

SOBRE O AUTOR

LEANDRO RIBEIRO PALHARES

Sou um Espírito em busca do autodescobrimento.

Pessoalmente, sou um estudioso do Espiritismo, da Filosofia, da Psicologia Analítica (de Carl Gustav Jung) e da Psicologia Espírita (de Joanna de Ângelis).

Academicamente, sou Licenciado em Educação Física (1999) com Especialização (2001), Mestrado (2005) e Doutorado (2017), todos pela Universidade Federal de Minas Gerais. E também sou Bacharel em Filosofia (2024) e Especialista em Psicanálise e Filosofia (2025), ambos pela Claretiano - Centro Universitário.

Profissionalmente, sou Professor Associado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (Diamantina/Minas Gerais).

Contato: leandro.palhares@ufvjm.edu.br.



FILOSOFIA, PSICANÁLISE *e outras psicoterapias*

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



FILOSOFIA, PSICANÁLISE *e outras psicoterapias*

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

